

Alfredo

em movimento



Saudações jornalísticas

E assim chegámos ao fim de mais um ano letivo. Foi um ano invulgar e com alguma instabilidade. Ainda assim, não deixou de haver envolvimento nos projetos que fomos construindo ao longo dos três períodos letivos. Por essa razão, neste final de ano, trazemos a lume dois números do nosso jornal.

Neste número, damos destaque aos trabalhos feitos pelos alunos, no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular e Cidadania. O mote principal foi a Interculturalidade. Nada mais oportuno, nos tempos que correm, do que conhecer a cultura dos outros povos. Só com esse conhecimento é possível haver tolerância, amor e respeito pelo próximo.

E sendo a escola um pequeno mundo, onde confluem jovens de diferentes proveniências, será também ela um lugar privilegiado para cultivar esses valores maiores da nossa sociedade.

E podemos com orgulho afirmar que o nosso Agrupamento é disso exemplo.

É com essa certeza que nos despedimos, mas não sem antes vos lembrarmos a necessidade de lerem o próximo número deste nosso jornal.

Até já!



A equipa



No âmbito da Cidadania e dos DAC, os alunos desenvolveram trabalhos, na disciplina de Português, onde deram a conhecer alguns princípios essenciais para uma sã convivência entre todos aqueles que se querem tornar cidadãos íntegros numa sociedade que deve primar pelo respeito e pela igualdade. Neste número damos continuidade à divulgação, pois foram muitos os alunos que enriqueceram esta temática com as suas reflexões!



ARGENTINA

Num mundo multicultural , cheio de culturas diferentes, diversas gastronomias, religiões distintas, bandeiras inconfundíveis... é necessário aceitar e aprender sobre o desconhecido e desigual para que possamos viver todos em paz e com respeito. Apresentamos, então, um país que, sem dúvida, não passa despercebido no mundo.

Dados Gerais

Capital: Buenos Aires

Extensão territorial: 2.791.810 km²

Habitantes: Aproximadamente 41 milhões (dados de 2015)

Clima: Principalmente temperado

Idioma: Espanhol

Religião: Catolicismo

Moeda: Peso argentino

Sistema de Governo: República Presidencialista



Gastronomia Argentina

A Argentina diferencia-se do resto da América latina, devido à sua influência por parte da Itália e Espanha. Existe um grande consumo de carne, ao contrário de peixe, sendo então muito comum as “assadas”, mais conhecidas no nosso dia a dia como churrasco.

Outra iguaria bastante comum é a empanada, uma massa recheada com carne, azeitonas, cebola, ovos e temperos. E por último, mas não menos delicioso, temos um biscoito chamado "alfajor", um biscoito recheado normalmente de doce de leite.



Literatura da Argentina

A literatura na Argentina teve início aquando da colonização, logo, antes da mesma, não há registos de literatura.

Um dos géneros de literatura que existe com peso na Argentina é a literatura gauchesca, género que retrata a vida no campo e onde se encontram personagens que poderiam habitar esse espaço (índios, gringos, mestiços, etc.).

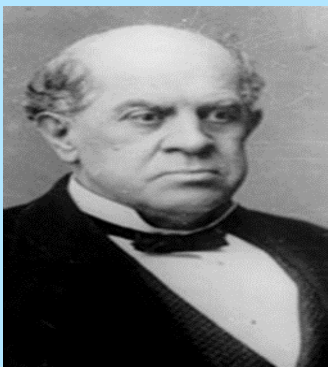
Alguns dos autores e respetivas obras, mais famosas na Argentina são:

Facundo, de Domingo Faustino Sarmiento;

Martín Fierro, de José Hernández;

Dom Segundo Sombra, Ricardo Güiraldes;

O Brinquedo Raivoso, Roberto Arlt;



Domingo Faustino Sarmiento



José Hernández



Ricardo Güiraldes



Roberto Arlt

Bandeira da Argentina

A bandeira da Argentina, símbolo oficial do país, carrega as cores azul e branco em três listras horizontais.

Na listra do meio (branca) consta um sol em cor de ouro com uma face humana no seu interior. Essa representação do sol é conhecida como o “sol de maio”. Trata-se de uma referência à revolução que aconteceu entre 18 e 25 maio de 1810 e que visava a independência em relação à Espanha.



Economia

A indústria é o maior setor económico e o turismo, sem dúvida, é uma das principais atividades do país.

O país é um bom exportador e tem uma agricultura bastante desenvolvida devido à fertilidade do seu solo, por isso grande parte dos produtos exportados pelos argentinos são agrícolas.



Cultura

Devido à grande emigração existente no país, pode dizer-se que a Argentina é um país de emigrantes, com grandes influências de Itália e Espanha.

O tango é um dos principais símbolos da Argentina, e é considerado um património mundial. Essa dança sensual é uma manifestação artística que é uma verdadeira marca dos argentinos, sendo mais uma forma de atrair pessoas de todo o mundo para o país.

Além do tango, são também patrimónios mundiais:

Cova das Mãos;
Ischigualasto e Talampaya;
Maçã e Estâncias Jesuítas;
Missões Jesuítas Guaranis;
Parque Nacional do Iguaçu;
Parque Nacional Los Glaciares
Península Valdés
Qhapaq Nan;
Quebrada de Humahuaca;
Fileteado Portenho.

Continua na página seguinte ➡

Por fim, é necessário destacar o futebol, uma atração que move a atividade turística na Argentina. É o desporto mais popular e pelo qual os argentinos demonstram uma grande paixão.



Tango



Cova das Mãos



Seleção da Argentina

Trabalho realizado por:
Filipa Soeiro
Gabriel Costa
Rafael Martins - 12º A



¡Cuenta-me Venezuela!

Venezuela e as suas histórias

Ao ver pela primeira vez,
Na terceira viagem que fez
A um Novo Mundo por descobrir,
Guardou na História
Uma terra índia habitada
E desenhou-a na memória;
Tal como a Cidade dos Canais fora edifica-
da
E nomeada na sonhada glória.
Pintou-a de azul o mar,
De encarnado tingiu-lhe o sangrar
Daqueles que para a libertar lutaram,
Douram-lhe as riquezas e o ouro que reluz
Com o brilho do Sol nas suas oito estrelas,
Entre Colômbia, Guiana e Vera Cruz,
São as tuas cores, tão belas,
Venezuela!



Continua na página seguinte



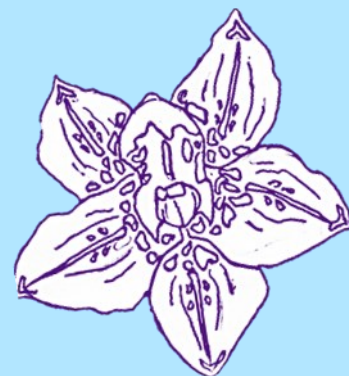
Também hermosa era Sayona,
una mujer casada y con un hijo.
Como cuenta la leyenda,
Y como dice el refrán:
"Tira la piedra y esconde la mano",
Llegan rumores de una posible traición
Entre su madre y su marido.
Muerta de celos,
incendia la casa con su familia dentro,
Y furiosa, se dirige a su madre,
Atacándola hasta matarla.
Por esto es condenada
A vagar en una batola blanca
Eternamente y para siempre.

Na semana abençoada,
Quando a subida do mártir ao Calvário é celebrada,
Ecoam os passos na calçada,
Os sons latinos de Caracas,
Da gente movimentada em procissão,
Trajando púrpura e levando orquídeas na mão.
Vêm-me ao olfato cheiros tropicais,
Dançam no paladar os sabores do pabellón, da arepa e da hallaca,
Numa cidade que El Ávila abraça.
A areia quente move as dunas de Medanos de Coro,
Leva-me o vento a Los Roques,
Onde as águas turquesas ondulam
E ao horizonte rumam.

Chama-me a verde Natureza selvagem,
Vozes vindas de Canaima;
Um tepui toca o alto Céu e emociona,
Chovem lágrimas no Salto de Ángel,
A maior queda d'água que alguém já viu.
Impossível é esquecer,
Ou evitar ficar maravilhado,
"Guerra avisada no mata soldado",
Mas em tal labirinto não há recado
Para no paraíso não se perder.



El Ávila & Caracas



Los Roques



Continua na página seguinte ➡

Más perdido que el hijo de Lindbergh,
Así es el Silbón,
Asustando a la gente con su silbido.
Al escucharlo sabemos:
Cuanto más cerca, más lejos
Y cuanto más lejos, más cerca,
Pero no siempre fue así.
Hubo un tiempo en el que el Silbón era joven,
Feliz con su amada esposa y familia,
Hasta el día que ha matado a su padre
Tomado por el enojo de verlo maltratar a su esposa.
Desde entonces, maldecido,
después de ser castigado por su abuelo entristecido
Con la pérdida de su hijo
Y aún más desilusionado con su nieto asesino.
Desde entonces, aterroriza, perdido,
Cargando huesos que ha ido acumulando a lo largo de
los años,
Y silbando:
¡Do Re Mí, el viene allí!

Outrora, quem para lá foi,
Agora, quem de lá vem,
Foge da vida dura
De um país que não está bem.
Decidir partir,
Recordar intensamente a suave lembrança
Da terra que se deixou,
E sentir falta de conforto na alma, saudades,
É preciso coragem!
Tornar possível o que não é,
E resistir ao desejo de voltar – esperar.
O tempo passa,
E torna-se cada vez mais fácil a adaptação.
Aos colegas, aos professores,
A Portugal e à sua gente,
Que me receberam com afeto,
Obrigado!
Resta sonhar e alimentar a esperança,
Achar o futuro que julguei perdido,
E voltar a ver-te, Venezuela!



Medanos de Coro



Salto de Angel

**Autores: Joana Paisana, Pedro Paisana,
Valentina da Silva,
Vasco Paisana, Victoria da Silva.
12° A**



Vindo do Brasil

O Brasil é um país sul-americano dividido em cinco regiões marcadas por grandes diferenças culturais sendo estas a região norte, o nordeste, o centro oeste, sudeste e o sul. De uma forma geral o país tem um clima tropical, sendo por isso muito quente acabando assim por atrair muitos turistas.

Uma das grandes atrações turísticas é o carnaval que é considerado a maior festa popular do país e é uma celebração que foi adotada por diversos países. É uma comemoração que dura no mínimo quatro dias onde existe um grande destaque da música brasileira, nomeadamente o samba e o pagode. Neste período decorre a apresentação das escolas de samba e dos seus carros alegóricos num desfile.



Moqueca

Para além dos estilos de música apreciados no carnaval, existem outros que se destacam de uma maneira diferente, de entre os quais o funk, o sertanejo e o forró que é um estilo de música comum na comemoração da festa junina, tradicionalmente conhecida em Portugal como festa dos santos populares. Uma das comidas típicas deste festejo é o pé de moleque feito a partir da mistura de amendoim torrado com açúcar mascavado. Existem também outras comidas típicas do país, como a feijoada, a moqueca, que se assemelha a uma caldeirada de peixe podendo este ser substituído por outros ingredientes, a tapioca, o pão de queijo e o vatapá que é um prato semelhante às migas de pão.



Vatapá

Contudo, no Brasil nem tudo são celebrações, pois existe uma grande desigualdade social e económica que levou ao surgimento de várias favelas em algumas regiões do país, como por exemplo, em Salvador, São Paulo e no Rio de Janeiro. Estas áreas suburbanas tiveram uma grande influência cultural no rap, no grafiti e na capoeira, sendo esta uma arte marcial misturada com dança que é utilizada como autodefesa. Em termos sociais tiveram igualmente uma grande influência na educação e na criminalidade, uma vez que ao desvalorizarem as escolas os adolescentes acabavam por fazer escolhas menos acertadas o que os levava ao mundo do crime.





Assim como as curiosidades já referidas, o Brasil tem também para nos oferecer a literatura de cordel ou simplesmente cordel que também pode ser designada por folheto ou literatura popular em verso.

O nome tem origem na forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para venda, pendurados em cordas, cordéis ou barbantes em Portugal.

No âmbito da literatura, são conhecidas várias lendas como, por exemplo, a lenda da Boitatá e a do Curupira. Referente à primeira, acredita-se que Boitatá, uma grande serpente de fogo protetora das florestas é uma personagem do folclore brasileiro, que protege os animais e as matas das pessoas que realizam queimadas que põe em risco a natureza. Nesta narrativa, esta serpente transforma-se num tronco em chamas com o intuito de enganar e queimar os destruidores das matas. Pensa-se que a pessoa que encarar a Boitatá tornar-se-á louca e cega.

Igualmente à anterior, a lenda do Curupira teve origem nos povos indígenas e é representada por um ser mítico do folclore brasileiro que protege as florestas. O Curupira como protetor da floresta voltava-se contra todos aqueles que tentavam destruí-la e, por isso, era visto como um grande terror para todos. Acreditava-se que este aterrorizava e matava aqueles que entravam na floresta com o intuito de caçar ou de derrubar árvores. O pavor era tão grande que à entrada da floresta as pessoas davam oferendas para que não fossem atacadas pelo Curupira.



Para terminar a apresentação deste país iremos referir alguns locais e paisagens que despertam o interesse dos turistas, tais como a Escadaria Selaron e o Cristo Redentor com vista para a praia de Copacabana no Rio de Janeiro, as Cataratas do Iguaçu, o elevador Lacerda em Salvador, a tríplice fronteira entre o Brasil, Paraguai e a Argentina e o monumento do Ipiranga, em São Paulo, que simboliza a independência do Brasil conquistada em 1822.



Cristo Redentor

Continua na página seguinte ➡

Domínios de Autonomia Curricular e Cidadania



Monumento do Ipiranga



Escadaria Selaron



Cataratas do Iguaçu



Elevador Lacerda

Por último, vamos apresentar a opinião de um elemento brasileiro do nosso grupo acerca da sua adaptação a Portugal : “ O processo para me acostumar a Portugal teve certas dificuldades que pioraram com a situação pandémica, o isolamento foi uma grande barreira para a socialização, mas nas aulas realizadas antes da suspensão das atividades letivas, os alunos sempre foram recetivos e na maioria amigáveis, os professores sempre me ajudaram com as questões e auxiliavam no que era necessário , os funcionários também foram simpáticos e compreensivos.”

Concluindo, o Brasil é um país com uma grande variedade gastronómica , uma vasta cultura e com várias atrações turísticas que podem visitar .

Trabalho realizado por:

Ana Natário nº 1

Beatriz Ferreira nº 4

Claúdia Carvoeira nº 6

Raquel Conceição nº 20

Thiago Souza nº 25

Cultura Guineense

A multiculturalidade é a inter-relação de várias culturas no mesmo ambiente. É um fenómeno social que pode ser relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas.

Na nossa turma existe uma grande diversidade multicultural, entre as quais a cultura guineense, a qual iremos abordar.

Primeiramente, apresentamos um conto na língua materna da Guiné-Bissau e posteriormente também em português, que representa a etnia bijagó e demonstra também a paciência deste povo, e, posteriormente, vamos também dar a conhecer algumas curiosidades sobre esta cultura.

A Guiné-Bissau é constituída por várias etnias tais como a Bijagó, a Fula, a Mandjaca, Balanta, etc. e a etnia que é referida neste conto este conto é a bijagó.

Montiyaduris di pis bus

Na Urok, i ten ba tris omis ku ta montiya

pis bus. Kada un des montiyaduris ta mora ba na un jiu: un son na Formosa, utru na Nago kil utru na Cedeña. Kil ku mora na Formosa ta comadu Malan; kil di Nago Madu ku Araba di cedeña. Un parmaña sedu, kil ku mora na Formosa say i bay montiya. I tene ba un kanuwa sin mutur ku un kañako ki ta montiya kel. Ki kañako tene boya ku ta pirmitil oja. Oca i ciga na kau ku pis bus ta bibi, i kumpu un kau di ba ta sinta pera mare ku pos. Yagu yinci, Malan na pera pa pis bus bin bibi yagu mas na kil ora, i obi un baruju di mutur. I si kolega Madu di Nago ku si kanuwa ki ta montiya kel. Suma pis bus i un limariya ku ka gosta di baruju, ka bin bibi yagu kil diya. Asin ku Malan sinta tok i kansa, yagu kumsa na basa. I fika la te fuska-fuska i kumsa riba pa kasa. Oca ki na riba pa kasa, i bay te jiu di Manasa nunde ki oja si kumpañer Madu, montiyadur di Nago ku ka oja nada suma el tambi.

Madu, ora ki ka oca pis bus, i ta pega na piska. Oca i per- tu el, i ojal ku manga di pis ki piska pa bay bindi na Bubaki pa pudi kumpra gasolina ku jelu pa pudi piska mas. E fala njutru manteña Malan puntal: kuma ku kusas na kuriu? Nada ka na kurin diritu i ruspundi Madu. Abo gora bu paña ciu? Nka konsigi tambi nada pabiya di baruju di bu mutur nsinta pera elis pa e bin bibi tok nkansa. Algin ka dibi di pega son na un kusa; ami, si nka oca pis bus, nta pega na piska pa bindi pa mpudi kumpra gasolina ku jelu pa mpudi bay piska mas. Malan kala, i kontinuwa si biyas te purtu nde ki mora. Sumana pasa, Malan say mas pa bay montiya na kil kau ki kumpu ba benten. Oca i ciga, i oja si kolega Araba di cedeña puy ridiya, i na pera basanti pa pudi bay jubi si paña pis bus. Malan subi riba, i na pera pa pis bus bin bibi yagu. I fika la tok sol noti. I paña rayba i disidi bay oja ku Araba pabiya di kil ridiya ki puy.



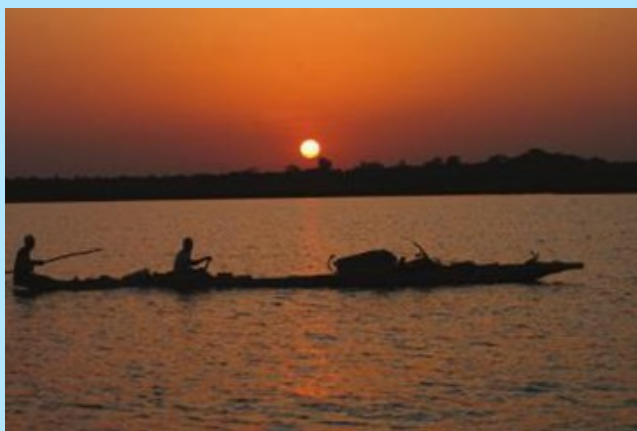
Manatim

I ciga, i fala manteña, antis di kila ruspundil, i kumsa na jusiya kel: ke ku bu fasi ka ta fasidu. Bu na mata tudu pis ku ta bota li.

Bu na panta pis ora ke oja se kumpeñeris muri; e ka ta riba mas pa li, e ta muda pa utru kaus. Araba fika satiyadu ku Malan pabiya i ta piska tambi pis bus. Araba reuspundil asin: «bu manera di piska ka sta tan diritu. Pis bus ta fusi ku bu kañako na kurpu, i bay muri lunju nunde ku bu ka na ojal, si kumpañeris ta kuri ora ke ojal mortu». Dipus de kaba komber- sa, Malan riba kasa, i kumsa na pensa na kombersa ke tene ku Araba. I oja kuma Araba tene bastanti roson, i disa piska i riba pa tera ki padidu ku sedu Kañabaki. Araba tambi pensa ciu na kombersa ki tene ku Malan, i oja i bardadi kuma ridiya ta mata pis ciu, e ta podri sin algin ka kume elis. I disidi disa tambi piska, i pega na kumpu kanuwas di bindi. Madu muda tambi, i kumpra ridiya di teña ki ta bindi na Bissau. Tempu pasa. Minjer di Madu bin padi. Suma i di kustumu na musulmanus, ora ku mininu fasi un sumana, i dibi di rapadu pa pul nomi. Manga di jintis bin mati. Na mandurgada, Madu disidi bay piska pa kil sirimoniya. I leba si kañaku pa diskunfiyansa. I say ku si ma- riñeru na purtu di Bampiyon. Oca e ciga na praia, e oja pe di pis bus manga del, e bay se tras, logu e oja un kasal; Madu konsigi mata un delis, i riba logu pa kasa. Tudu jintis na peral ba pa kumsa sirimoniya.

Continua na página seguinte ➡

I manda coma mininus ku balays pa bin karga karni di pis bus. Sol mansi, si amigu Araba ku ka mati ba rapa, bin falal manteña; oca i pertu kasa, i kumsa na grital: «jubi Madu, mbin buska ña parti». Madu yantra, i coma si minjer Sali i falal: «Sali, purpara kil karni ku sobra pa Araba». Oca e na fala inda ntrú manteña, Sali fura ku bandesa di karni ku tris latas di sumu; i dal tambi kola ku fariña ku ta dadu na rapa di mininu. Araba, oca i oja bandesa di karni di pis bus, i panta i punta: «nunde ku bu oja es kusa? Npensa ba kuma i ka ten mas». Madu jubil, i kumsa na ri dipus i falal: «gos, i ten manga delis. Aonti, nsay pa bay piska, pa diskunfiyansa, nleba ña kañako; mas nka bay piska, n oja se pe na praya, nsigi elis, nbay oja un kasal, nunde ku nkonsigi mata un son». Araba puy mon na boka i fala: «Deus judanu ciu, i tisi-nu mas pis bus». Madu ruspundil: «I ka Deus son. I anos piskaduris tan ku disa di piska elis, e konsigi padi ciu. Si no kontunuwa sin ciu tempu, no na tene elis mas ciu di ki pur-medu». Araba fala: «i bardadi, no juda pis bus kirsi»; dipus, i kumsa kume si parti di festa ki guwardadu ba.



Pescar nas suas canoas

Os Caçadores de manatim

Em Urok, havia três homens que caçavam o manatim. Cada um dos três homens vivia numa das ilhas: um em Formosa, outro em Nago e o terceiro em Chediã. O que vivia em Formosa chamava-se Malam. O que vivia em Nago chamava-se Madu e o de Chediã chamava-se Araba. Numa manhã, o caçador que vivia em Formosa foi à caça. Tinha uma piroga sem motor e utilizava um canhocô (arpão) para caçar e este tinha uma bóia de sinalização. Quando o caçador Malam chegou à fonte dos manatins, nascentes de água doce à beira dos mangais, construiu sobre esta um bemtém, uma plataforma com estacas e paus. Esta estrutura era resistente e Malam sentou-se em cima dela a aguardar que a maré enchesse. Quando a maré encheu, Malam esperava que os manatins viessem beber água. Mas, nesse momento, ouviu um motor. Era o seu companheiro de Nago, o caçador Madu, que tinha uma piroga com motor para caçar manatins. Como o manatim é um animal que não gosta de barulho, naquele dia não vieram beber água. O caçador Malam esperou, esperou, esperou até que a maré começou a baixar e, quando já estava a anoitecer, decidiu voltar para casa. No seu regresso, foi até ao Ilhéu de Manassá, onde encontrou o seu companheiro Madu, o caçador de Nago, que também não tinha conseguido caçar manatim. Madu, nos dias em que não conseguia caçar manatim, pescava com a rede. Malam, quando chegou junto de Madu, viu que ele tinha pescado muitos peixes para ir vender em Bubaque e comprar gasolina e gelo para novas pescarias. Malam e Madu cumprimentaram-se e Malam perguntou ao seu companheiro: - “Como te correu a caça hoje?” - “A caça correu muito mal, hoje não foi um bom dia.” - respondeu Madu. - “E tu, caçaste muito manatim?” - perguntou Madu. - “Não consegui caçar nenhum manatim porque o barulho do motor da tua piroga assustou os manatins. Fiquei à espera deles até agora, mas nenhum foi beber água” - respondeu Malam. Madu respondeu: - “Uma pessoa não deve fazer apenas um trabalho. Eu caço manatins mas, quando não consigo, pesco com a rede e vendo o peixe para comprar gasolina e gelo e tentar outra vez.” Malam ficou calado e continuou o seu caminho para o porto onde vivia. Uma semana depois, no princípio das águas vivas, Malam saiu outra vez para ir caçar manatins no mesmo lugar onde tinha construído aquela estrutura.

Continua na página seguinte ➡

Ao chegar lá, encontrou o seu companheiro Araba que vivia em Chediã. O Araba tinha colocado a rede no rio, e estava à espera que a maré baixasse para apanhar os manatins que tivessem ficado na rede. O Malam subiu para cima da estrutura, e ficou à espera que os manatins viessem beber água. Ficou lá em cima até ao anoitecer, e não conseguiu caçar nada outra vez. Malam ficou cheio de raiva e decidiu ir falar com Araba, que tinha posto a rede no rio para apanhar manatins. Quando chegou junto de Araba, cumprimentou-o e antes de este dizer alguma coisa, começou logo a ralar com Araba, dizendo: - “O que tu estás a fazer não está certo. Com a tua rede, estás a matar todos os peixes que vêm aqui desovar. Assustas os peixes e os manatins que, ao verem os seus companheiros mortos, não vão voltar mais aqui e fogem para outros lugares!”. O Araba ficou muito aborrecido com o Malam, porque o Malam também caçava manatins. A diferença era que Araba, quando colocava a rede no rio, se não apanhasse o manatim, apanhava peixes. O Malam é que só caçava manatins. O Araba respondeu assim: - “A tua maneira de caçar também não é boa. Muitas vezes, os manatins fogem com o teu arpão no corpo e vão morrer longe, em lugares onde tu não os podes encontrar. Os outros manatins, ao encontrarem os seus irmãos mortos, vão-se afastando cada vez mais das ilhas.” Depois desta conversa, Malam regressou a casa e começou a pensar na conversa que tinha tido com Araba. Depois de muito pensar, viu que Araba tinha razão e decidiu deixar Formosa e regressar à sua terra natal: Canhabaque. O Araba também ficou a pensar na conversa que tinha tido com o Malam. Era verdade que, com a rede, muitos peixes morriam e ficavam a apodrecer. Por isso, decidiu deixar a pesca e passou a dedicar-se à construção de pirogas para vender. Como o manatim era cada vez mais difícil de caçar, o caçador de Nago, Madu, resolveu mudar de ocupação. Comprou redes para pescar tainha e passou a pescar tainhas para vender em Bissau. Muito tempo depois, a mulher de Madu deu à luz um menino. Como é tradição dos muçulmanos, uma semana mais tarde, foi feita a cerimónia para dar o nome à criança. A cerimónia foi uma grande festa e todas as pessoas foram convidadas a assistir. Na madrugada da cerimónia, o Madu decidiu ir pescar para oferecer peixe aos convidados. Levou também o seu arpão, na esperança de encontrar manatins. Saiu com o seu marinheiro pela praia de Bampion. Quando chegaram à praia, viram à superfície da água sinais da passagem de um grupo de manatins. Madu e o seu marinheiro seguiram as pistas dos manatins e encontraram um casal. Madu conseguiu caçar um deles com o arpão e logo depois voltou para sua casa. Quando chegou, todos os convidados estavam à espera dele para começarem a cerimónia. Mandou chamar as crianças para virem com os balaios para ajudar a carregar o manatim. Todos ficaram satisfeitos porque na festa iriam saborear carne de manatim. No dia seguinte, o seu amigo Araba, que não tinha estado na festa no dia anterior, veio cumprimentar Madu pelo batismo do seu filho. Quando Araba se aproximou da casa de Madu, gritou ao seu amigo: - “Olá Madu! Venho buscar a minha parte!” Madu entrou em casa, chamou a sua esposa Sali e disse-lhe em voz baixa: - “Sali, prepara o resto da carne de manatim para darmos ao Araba”. Quando Araba e Madu estavam a cumprimentar-se na varanda, apareceu de repente Sali, com uma bandeja de carne de manatim e três latas de sumo para o Araba. Noutra mão, Sali tinha um pequeno embrulho com cola e farinha, que simbolizava o batismo da criança. O Araba, ao ver aquela bandeja com carne de manatim, antes de comer, perguntou muito espantado: - “Onde conseguiste encontrar manatim? Pensava que já não havia manatins!” Madu, olhou para o seu amigo e ambos começaram a rir. Depois, respondeu: - “Sabes Araba, agora existem muitos manatins. Ontem, saí para pescar mas levei também o meu arpão no caso de encontrar manatins. Mas, em vez de pescar, encontrei um grupo de manatins e cacei um deles.” Araba pôs a mão na boca, espantado, dizendo: - “Deus ajudou-nos muito! Trouxe-nos mais manatins!” Madu respondeu: - “Não foi só Deus. Fomos também nós, que deixámos de caçar manatins e permitimos que eles se multiplicassem. Se continuarmos assim durante vinte anos, vamos ter muitos mais manatins do que antes.” Araba disse: - “É verdade. Vamos ajudar os manatins a crescer.” Dito isto, começou a saborear a sua parte da festa.

Continua na página seguinte ➡

CURIOSIDADES

Por muito que sejam diferentes, todas as culturas merecem ser respeitadas e admiradas.

A Guiné-Bissau possui uma herança cultural bastante rica e diversificada;

Na etnia Bijagó são as mulheres que, ao fazer uma comida tradicional, mandam para o homem que querem pedir em casamento;

O carnaval guineense é completamente original, constituindo uma das maiores manifestações culturais do país;



Carnaval na Guiné-Bissau

A dança é uma verdadeira expressão artística dos diferentes grupos étnicos sendo a música dominada pelo conhecido gumbé guineense;



Danças características

Em Bissau improvisa-se instrumentos musicais, até de cascas de árvores.

A cultura do país reflete-se também na arte bijagó, arte fula, arte mandinga, arte malú, cestaria, olaria, tecelagem entre outros.

Trabalho elaborado por: 12º A

Catarina Rodrigues nº5

Lismara Gomes nº15

Mariana Caeiro nº17

Patrícia Gomes nº18

Tiago Silva nº26

Cultura Angolana

Angola é um país com uma extensão geográfica de 1 246 700 Km², repartido em 18 províncias e nove etnias, nomeadamente a Bacongo, Mbundu, Lunda Cokwe, Ganguela, Ovimbundo, Nhaneca-humbe, Ovambo, Herero e Khoisan, sendo que cada uma delas tem a sua própria língua.

São várias as figuras marcantes e emblemáticas da cultura angolana, uma delas a “Rainha Nzinga Mbandi”, que é conhecida pela sua força, coragem, inteligência e determinação na luta contra a colonização portuguesa; um dos seus marcos na história foi a pegada que deixou nas Pedras Negras de Pungoandongo, e o facto de ter sobrevivido a um salto de 105 metros das Quedas de Kalundula, atual província de Malanje, durante a fuga às tropas portuguesas.



Quedas de Kalandula



Pedras Negras de Pungoandongo

São diversos os contos emblemáticos, entre os quais destacamos o do “Jacaré Bangão”:

«Reza a lenda que na cidade de Caxito, capital da província do Bengo, certo Jacaré decidiu pagar o imposto ao chefe do posto, responsável por assegurar esta obrigação fiscal.

Segundo consta, o tal chefe era um indivíduo implacável para com os habitantes daquela região e o Jacaré, vendo a sua atitude, decidiu ele próprio pagar o imposto a fim de travar a impetuosidade daquele chefe.

Ao ver o grande Jacaré sair das águas do rio Dande a fim de cumprir a sua missão, o cobrador de impostos ficou aterrorizado e abandonou os maus modos com que tratava a população.»

Continua na página seguinte ➡

Existem variados e saborosos pratos típicos angolanos, dos quais fazem parte:



Calulo de Carne Seca



Mufete

Devido ao período de colonização, isto é, de Angola ter sido uma das colónias portuguesas em África, passou-se a ter uma grande relação sociocultural, política e económica entre os dois países, após a independência alcançada pelos angolanos e, conseqüentemente, com o resto do mundo.

Atualmente, regista-se um aumento significativo de angolanos a emigrarem para Portugal, e vice-versa, mas é consideravelmente maior na parte dos angolanos, provocando, assim, um choque intercultural entre os países. Desde as primeiras relações até aos dias de hoje, sempre se manteve uma relação de amizade entre os países, embora se tenha passado um período menos amigável, a amizade prevaleceu e tanto os angolanos como os portugueses são bem recebidos uns no país dos outros, o que fortalece essa relação.

Portugal e Angola, como membros da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), promovem a unidade e a paz entre os países, o que se reflete no povo de cada uma das nações, a união e o respeito por cada uma dessas duas culturas distintas.

Em conclusão, a cultura angolana é muito rica, com danças e músicas características de cada uma das regiões, trajes e magníficos pontos turísticos, atualmente, os estilos musicais, como Kuduro e o Semba, têm vindo a ganhar cada vez mais espaço no mercado internacional, é uma verdadeira cultura em expansão.

Denise Demba

Joana Pinto

Lúcia Palaio

Rafaela Fernandes

Sofia Fonseca

12° A

CULTURA FRANCESA

França é um país da Europa, habitado por cerca de 65 milhões de pessoas e cuja capital é Paris. É o país mais visitado do mundo sendo conhecido pelos seus pontos turísticos, pela sua deliciosa gastronomia, moda, pintura entre outros.

A economia francesa fica entre as cinco primeiras a nível mundial, devido principalmente ao número de turistas que visitam o país anualmente (cerca de 82 mil).

Ao nível das principais atrações em França destacam-se, essencialmente, as localizadas em Paris: *Torre Eiffel*, *Museu do Louvre*, *Catedral de Notre-Dame*, *Arco do Triunfo*, *Campos Elísios*, *DisneyLand*, entre outras. Mas também fora da capital existem atrações, como por exemplo, o *Parque de la Tête d'Or*, em Lyon.

Além destas magníficas atrações turísticas, outro marco que se destaca é a sua gastronomia, desde a grande variedade de queijos (cerca de 365 tipos) aos inúmeros vinhos premiados todos os anos. O queijo exerce também, muitas vezes, o papel de sobremesa, porque o amor ao queijo é tanto, que ele acaba por ficar para o final como uma espécie de último deleite da refeição. Já os vinhos, qualquer dia ou altura serve para apreciar um bom vinho, daí este estar também sempre presente na mesa dos franceses.

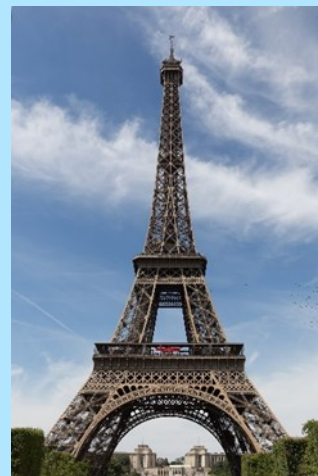
Não é segredo para ninguém que os franceses são imbatíveis em relação às sobremesas, salientando os *Macarons*, *Profiteroles* e *Petit Gâteau*, sendo o nome verdadeiro deste último, “*Coulant*” ou “*Mi-cuit*”. E não esquecendo o típico cliché: o *croissant* e a *baguete*! Como curiosidade, acredita-se que virar uma *baguete* ao contrário (com os cortes para baixo), dá azar.

Outro item bem presente na cultura francesa é a moda, onde se destacam três grandes termos franceses: “*haute couture*” que em português se traduz como “alta costura” que significa roupas sofisticadas feitas à mão ou sob encomenda, o “*prêt-à-porter*” conhecida como “pronto a vestir” e a “*lingerie*”, a “roupa interior” !!

A mulher francesa é fiel às cores que lhe assentam melhor, mas adora “copiar” as roupas das modelos nos desfiles de moda. Querem ser uma outra pessoa, com outro estilo, apesar de cada uma ter o seu. Neste mundo da moda francesa, destacam-se alguns estilistas de renome: *Christian Dior*, *Yves Saint Laurent*, *Louis Vuitton* e *Coco Chanel*.

A pintura é outro aspeto importante neste país, pois várias obras conhecidas foram pintadas por artistas franceses, sendo estes *Claude Monet*, *Henri de Toulouse-Lautrec*, *Henri Matisse*, entre outros. É importante referir também que alguns dos quadros mais famosos do mundo se encontram expostos em museus franceses, como o caso de “*Mona Lisa*”, exposto no Museu do Louvre.

Porém, não presente em museus, mas em castelos, os contos tradicionais franceses ganharam também uma grande dimensão. Exemplo disso é “*La Belle et la Bête*” (A Bela e o Monstro) que retrata a história de uma camponesa bonita que é feita prisioneira por um monstro no seu castelo. Apesar dos seus medos, ela torna-se amiga dos habitantes encantados do castelo e aprende a ver para além do aspeto horrível do monstro, descobrindo o coração delicado de um verdadeiro príncipe, no seu interior. Em contos como o anterior há uma ligação com a realidade, pois as atitudes românticas do monstro retratam, de uma forma metafórica, os franceses no seu geral.





Também França tem o seu dia, celebrado anualmente a 14 de julho e remonta à data da tomada da Bastilha em 1789, durante a Revolução Francesa, sendo um símbolo desta e da República Francesa. Já a sua famosa bandeira tricolor que todos conhecemos, nem sempre foi assim. Na verdade, foi substituída por uma bandeira branca, entre 1814 e 1830. Após a queda da monarquia, foi recuperada a bandeira que conhecemos hoje. *Liberté, égalité, fraternité* é o lema por excelência da França e dos Franceses. Apareceu pela primeira vez durante a Revolução Francesa (1789-1799) e hoje aparece em prédios públicos, moedas e selos.

Por último, mas não menos importante, algumas curiosidades sobre França e sobre o seu povo .

Por exemplo, o *Tour de France*, a tão famosa volta a França em bicicleta, com mais de 100 anos e que acontece anualmente durante todo o mês de julho. Os atletas percorrem aproximadamente 3200km por mais de 20 dias. Outra curiosidade é o facto de os franceses consumirem 11,2 bilhões de taças de vinho por ano.

Em suma, França apresenta uma cultura muito rica e delicada, deixando qualquer pessoa encantada. C'est très chique!

Trabalho realizado pelos alunos do 12º A:

Beatriz Palma nº2
Beatriz Delgado nº3
Inês Guerra nº11
Simão Silva nº23

Interculturalidade

A interculturalidade é um conceito criado que se refere à interação de duas ou mais culturas, onde nenhum dos grupos é superior ao outro. Assim, torna-se relevante para a integração e convivência das pessoas, que várias culturas partilhem entre si conhecimentos e tradições utilizados como fonte de aprendizagem.

Atualmente, a cultura tem um forte impacto na aceitação de pessoas provenientes de outros países. Devido aos seus comportamentos, às suas tradições e conhecimentos partilhados, do grupo social em que estão inseridos, tornam-se alvos de comentários racistas e de atitudes preconceituosas. De realçar, ainda, os grupos de pessoas que compartilham o ódio pelos estrangeiros com medo de perder o emprego e muito mais.

Numa recente entrevista com um colega de turma, foi-nos partilhada a sua experiência na chegada a Portugal. Ele alega que na sua vinda notou algumas diferenças na cultura do nosso país em relação ao seu país de origem, França, dizendo que em Portugal o humor é mais restrito dentro da sociedade- “(...) em França temos um humor mais aberto do que o que existe em Portugal, somos mais derrisórios entre nós, podemos rir/brincar de mais coisas sem ser mal vistos pelos outros.”. Neste caso, a língua não foi uma barreira para a sua integração na nossa comunidade.

Como jovem estudante, a sua vida tinha, mais tarde ou mais cedo, de regressar aos estudos, de voltar à escola para aprender e para desenvolver-se. Este regresso podia resultar em vários ataques racistas e discriminatórios que podiam afetar, de forma negativa, a sua integração. Felizmente, houve um grupo de pessoas que o acolheram bem, mas houve outro que o julgou por o considerarem mais rico que os outros. Estes problemas acabaram depois de ter passado o 9º ano.

A igualdade foi algo notório na sua vida, visto ter sido acolhido sem nenhum tipo de preconceito. Apesar disso, é recorrente existir desigualdade e ausência de respeito mútuo quando se põe em causa a existência de estrangeiros no nosso país. Estes conceitos devem ser reconhecidos para estabelecer-se relações para no futuro construir-se uma sociedade civilizada.

Com o passar do tempo, foi aprendendo as normas e as regras de cidadania da nossa sociedade, mas que não o influenciaram muito no contexto social. Os seus hábitos foram mantidos e tornou-se mais social com os outros - “Não me mudou muito nos meus hábitos (...) se calhar só um pouco mais social com os outros.”.

Por último, ser cidadão no século XXI significa projetar-nos para daqui a vinte anos. A nossa mentalidade, neste momento, deveria implicar a valorização da diversidade cultural e dos direitos humanos. Para isso, a discriminação, a xenofobia e o racismo devem ser canalizados para impedir a popularização destes comportamentos repugnantes. A igualdade, a tolerância e a solidariedade são conceitos que promovem o bem-estar social e, deste modo, a sua valorização e atenção deve ser contínua.

Em suma, a interculturalidade arrecada um papel importante no mundo social, mas de difícil implementação, uma vez que o ódio é alimentado pela sociedade.

Diogo Rainho, Duarte Reforço, Ricardo Grossinho –12ºB

Interculturalidade

Não há uma única definição de cultura, havendo diferentes conceitos. Segundo Edward B. Tylor, cultura é “a totalidade dos conhecimentos, das crenças, das artes, dos valores, leis, costumes e de todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo Homem enquanto membro da sociedade”. A cultura é também dinâmica. Varia no tempo e no espaço, varia com as épocas e momentos históricos, assim como varia de lugar para lugar, pelo que não há nunca uma única cultura, mas múltiplas culturas.



Não são só a genética e os fatores biológicos que nos distinguem dos outros animais, é fundamental termos em conta as dimensões social e cultural. Ajuda-nos a perceber e refletir sobre a realidade, sobre o que são os outros e o que somos nós, sobre a forma como cada um pensa, sente e age. Como dissemos anteriormente, a cultura varia no espaço, não havendo culturas iguais. Deste modo, à interação entre culturas dá-se o nome de interculturalidade. Esse contacto favorece o convívio e a integração dos diferentes indivíduos na sociedade. É importante que estejamos atentos às diferenças e dispostos a escutá-las e entendê-las, para que se promova um mundo mais justo, para que seja possível uma compreensão mais abrangente de nós e dos outros, dos problemas e soluções que os seres humanos encontram, para que nos possamos desenvolver de forma mais completa, mais humana e mais digna. Esta aceitação da diferença parte de nós e manifesta-se no modo como agimos e nas nossas atitudes perante os outros. É importante dar voz àqueles que são silenciados e desconsiderados.

Como cidadãos, é nosso dever respeitar e aceitar os outros. Este espírito cívico faz parte da nossa educação e começa a ser adquirido em casa. É o ambiente em que estamos inseridos que nos faz crescer enquanto pessoa, desde o meio familiar ao escolar. Quando somos mais novos, somos muitas vezes influenciados pelos princípios dos nossos familiares e, por isso, é importante que esses valores sejam construídos à base de respeito e aceitação.

Continua na página seguinte ➡

Mais tarde, a escola possui um papel fundamental no nosso desenvolvimento pessoal. É aqui que temos o primeiro contacto com o mundo exterior, onde fazemos as primeiras amizades e relacionamo-nos com pessoas de outras culturas. Por se tratar de um ambiente coletivo, é aqui que as crianças aprendem a viver em sociedade.

No entanto, a partir de certa idade a escola deixa de ser suficiente e a internet passa a ter um papel significativo no nosso dia-a-dia. A internet, se for bem usada, pode ser uma ferramenta vantajosa: através das redes sociais conseguimos ter acesso a testemunhos de pessoas de qualquer parte do mundo acerca das suas culturas, experiências e valores.

Em relação à valorização dos direitos humanos, é um facto que tem havido uma evolução. No tempo em que a escravatura era comum, o respeito pelos direitos humanos era nulo. Apesar de a escravatura não estar completamente abolida, atualmente, para nós, isso seria impensável.

A valorização dos direitos humanos e da dignidade humana varia de país para país. Em certos países em desenvolvimento, onde famílias vivem em condições miseráveis, ainda há casos de tráfico humano em que os pais vendem os próprios filhos em prol de ganharem dinheiro para sobreviverem.

Como já dissemos anteriormente, a cultura distingue-nos dos outros animais.



Através das relações com outros seres humanos, percebemos que somos seres sociais e culturais. A sociedade em que vivemos está organizada, possuindo estrutura e, ao aqui vivermos, tornamo-nos seres humanos. O processo de integração numa sociedade e cultura particulares faz com que a diversidade cultural se traduza em formas distintas de estar, de pensar, de ser e de nos comportarmos. Assim, somos todos seres diferentes e semelhantes. A cultura tem um impacto muito grande naquilo que somos. Compreender a diversidade cultural é fundamental para que possamos perceber e refletir sobre a realidade, sobre o que os outros são, o que nós somos e sobre a forma como cada um pensa e age.

Segundo Gordon Allport, a discriminação é “todo o comportamento que nega aos indivíduos e aos grupos a igualdade de tratamento que eles mereceriam”. Na base da discriminação está o preconceito que é uma atitude sem fundamento, injustificada e dirigida a grupos e aos seus membros. O preconceito racial leva à discriminação entre raças diferentes; o preconceito religioso leva à discriminação entre pessoas de religiões distintas; o preconceito sexista conduz à discriminação entre os sexos. Por vezes, as pessoas discriminadas tendem a ter baixa autoestima por acreditarem naquilo a que são sujeitas. Todos estes casos de discriminação nos levam a acreditar que, em geral, existe racismo e xenofobia na nossa sociedade. O facto de o extremismo estar a ganhar força novamente mostra que a discriminação está presente no nosso dia-a-dia. É nosso dever não deixar que isto se normalize e tentar educar aqueles que contribuem para esta situação. **É o papel dos jovens, fazer com que o futuro seja diferente.**



Ser cidadão no século XXI engloba todos estes conceitos e processos que referimos neste artigo. Cada um de nós influencia a vida dos outros, mas para causarmos um bom impacto é necessário respeitá-los e tratá-los de forma justa.

Todos os dias vemos notícias que nos tocam acerca de situações conseqüentes de preconceito. É nosso dever manifestarmos-nos contra esta mentalidade e seguirmos os exemplos de tanta gente que quebrou as regras e mudou o nosso mundo, como Rosa Parks, Martin Luther King, Malala e outros que se opuseram ao regime.

Ainda há muito trabalho pela frente e o fim da luta pela igualdade está longe de ser conquistado, logo é importante partilharmos os nossos conhecimentos com os outros e mantermo-nos informados, sem deixar de ter espírito crítico.

Ana Silva nº3
Emerson Ferreira nº9
Laura Figueira nº12
Inês Santos nº13
Turma: 12ºB

Cultura

A cultura é um conceito que geralmente é usado para definir um grupo social ou mesmo um país e é passada e adaptada de geração em geração. Representa os comportamentos, hábitos, experiências, crenças, valores, religião, gastronomia, festividades, entre outras, dos indivíduos. A cultura é o que nos define enquanto pessoas numa sociedade onde cada um tem os seus próprios pensamentos e personalidade, mas onde há uma constante adaptação devido a outras culturas que presenciamos. Para se alcançar uma sociedade equilibrada deve-se respeitar, aceitar e/ou, por vezes, integrar outras culturas diferentes das nossas (adaptação).

Ser cívico é exercer o papel de cidadão. E cidadão, que vem da palavra cidade, é todo aquele que convive em sociedade e que, supostamente, exerce os seus direitos e deveres de forma consciente e responsável (a nossa liberdade acaba quando começa a dos outros), contribuindo para um convívio social, no qual o respeito pelos direitos humanos e pelo interesse público devem prevalecer acima de tudo.

Para a realização deste trabalho falámos com um dos nossos colegas estrangeiros, o Thiago Souza, que veio do Brasil, e pudemos ouvir o relato da sua experiência da vinda para Portugal.

Veio para Portugal por desejo do pai, em busca de novas experiências. Também acompanhado pela mãe, referiu que não foi fácil a integração, mas principalmente pelo facto de o confinamento devido ao Covid-19 ter começado pouco tempo depois da sua chegada a território nacional, não permitindo um grande contacto com a população local. Constatou que não sentiu nenhum episódio de xenofobia para com ele nem com a sua família, apesar da grande diferença notada entre as duas culturas. Referiu algumas diferenças tais como: o Carnaval brasileiro ser muito mais grandioso e interessante do que o português; em Portugal as pessoas são mais reservadas em relação a demonstrações de afeto publicamente; festividades como o São João impressionou-o por ser abordado de uma maneira tão diferente (martelos de São João); e quanto à gastronomia, demonstrou a sua preferência pela comida brasileira, destacando a diferença na forma como os temperos são utilizados nos dois países.

O Thiago confessou-nos que notou uma grande diferença tanto no custo de vida como quanto à segurança nas ruas, sendo estes melhores em Portugal. Quanto ao ensino em Portugal, revelou que este é bastante mais aprofundado do que no Brasil. Também nos contou que enquanto em Portugal o ensino divide o secundário em diferentes cursos com diferentes disciplinas, no Brasil essa distinção não existe. Em tom de brincadeira, também afirmou que as praias portuguesas não se assemelham em nada às praias paradisíacas brasileiras.

Em suma, podemos concluir que Portugal tem uma população que consegue ser bastante acolhedora para os estrangeiros e imigrantes, assim cumprindo o seu espírito cívico.



Trabalho realizado por:

Afonso Galrito nº1

Bianca Marcelo nº5

Miguel Ângelo nº15

Rui Lopo nº20

Turma 12º B



A origem da palavra cultura vem do termo em latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. A cultura é compreendida como os costumes, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo a língua, as comidas típicas, as religiões, a música local, a arte e o vestuário, entre outros.



A cultura também pode ser definida como o comportamento por meio da aprendizagem social. Essa dinâmica faz dela uma poderosa ferramenta para a sobrevivência humana e tornou-se o foco central da antropologia desde os estudos do britânico Edward Tylor. Segundo ele: **"A cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade"**.

Toda a sociedade em que vivemos atualmente é, em parte, fruto da cultura já vinda do passado. O conhecimento que obtemos e até mesmo os nossos comportamentos e práticas guardam relação com a cultura.

Esta possui diversos significados e a sua definição irá depender da forma como cada pesquisador a concebe, cada qual a seu modo. No entanto, isso não anula a sua importância para a sociedade e para nossa vida, pois é a partir dela que o mundo em que nós vivemos passa a fazer sentido.

A cultura, como disse Stuart Hall, é o elemento principal na constituição da identidade/sujeito, que é o que faz uma comunidade, seja local ou global, ser coesa e ter valor de distinção no mundo; por exemplo: um grupo indígena só se torna diferente em relação a toda a sociedade moderna por conta da sua cultura, isto é, por conta dos seus costumes, hábitos e valores. É a cultura que nos torna únicos em relação ao resto do mundo.

Neste sentido é importante falar da interculturalidade. Esta é a interação entre várias culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração assente numa relação baseada no respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo.

Este tipo de relações interculturais implica o respeito pela diversidade, embora, por razões óbvias, o aparecimento de conflitos seja inevitável e imprevisível, esses conflitos podem ser resolvidos através do diálogo entre povos.

A interculturalidade pode ser vista como um meio para experimentar a cultura de outro indivíduo e ter interesse em conhecer mais sobre ela e sobre a pessoa também, preza valores como respeito, cidadania, igualdade, tolerância, democracia na educação, e direitos humanos.

Hoje, mais do que nunca, é necessário promover valores, atitudes e comportamentos que fomentem o diálogo, a não-violência, a tolerância e a reaproximação de culturas.

O diálogo entre culturas é um fator essencial para a construção de uma cultura de paz. Simultaneamente, tem um papel muito importante na coesão social, já que as sociedades de hoje em dia são cada vez mais heterogêneas e possuem elementos de diferentes origens culturais. Este fenómeno faz das sociedades um organismo extremamente rico e em constante mudança.

Neste sentido, a interculturalidade pretende criar um marco de convivência na qual nenhum grupo se veja discriminado por algum aspeto diferenciador. Esta expressa o desejo de uma melhor convivência entre os seres humanos. No entanto, trata-se de um caminho com todo o tipo de obstáculos, tais como, a superação dos preconceitos, problemas linguísticos e a hegemonia histórica de alguns grupos sobre outros. Definitivamente, a interculturalidade é uma aposta na inclusão social do conjunto da cidadania, uma questão que deve ser abordada na escola, nos meios de comunicação, na legislação e na vida quotidiana.

A cultura e a interculturalidade são ambos dois pontos muito importantes na sociedade de hoje em dia, para conseguir manter uma sociedade saudável e sem preconceitos entre as diversas culturas, o que é um ponto extremamente importante.

Neste contexto, o respeito pela diferença é um mecanismo importante para aceitar a diferença de terceiros, como: a nacionalidade, religião, classe social, raça, sexo, particularidade física, orientação sexual, etc. Ou seja, não as discriminar (excluir um grupo de pessoas apenas porque nos são diferentes). Temos o dever de aceitá-las apesar de serem “estranhas” para nós, como por exemplo, aceitar o facto de os muçulmanos não comerem porco e comerem comida animal dita “Halal” respeitando a sua religião. Pela etimologia, estudo da origem e evolução das palavras, *cívico* vem do latim <<civicus>>, "relativo a uma cidade ou comunidade," que por sua vez vem de <<cives>>, "cidadão, aquele que vive na cidade. O conceito por trás da palavra, como se vê, remete a cidadão. Pelo dicionário, "cidadão é um habitante da cidade, um indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui de direitos civis e políticos por este garantidos, e desempenha os deveres que, nesta condição, lhe são atribuídos."

Pode dizer-se, portanto, que ser cívico é exercer o papel de cidadão. E cidadão, que vem da palavra cidade, é todo aquele que convive em sociedade e que, supostamente, exerce seus direitos e deveres de forma consciente e responsável, contribuindo para uma convivência social, na qual o respeito aos direitos humanos e ao interesse público devem prevalecer acima de tudo.

Neste contexto, podemos adquirir “espírito cívico”, através da educação transmitida pelos educadores na infância, e na escola; nas relações pessoais e interpessoais e da contínua aprendizagem ao longo da vida. Através da lei é procurado fornecer a todos os cidadãos direitos, que devem ser respeitados pela sociedade e pelo poder público, de forma a preservar a valorização do ser humano, a sua dignidade, a soberania, os valores sociais de trabalho e livre iniciativa.

O Homem nasce com os seus direitos, podendo assim invocar esses princípios, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou qualquer outra situação.

Assim, os direitos apresentam-se como o direito à vida, à liberdade, à segurança, não à escravidão, não à tortura, possuir proteção da lei, liberdade de movimento, direito a asilo, liberdade de expressão e de opinião, entre muitos outros.

Apesar de quase todos os países fornecerem um conjunto de leis e regras de modo a preservar o ser humano, existem várias pessoas que não se encontram nas mesmas condições que nós. No Quênia existe o maior campo de refugiados do mundo que conta com mais de 250 mil pessoas a viver em condições fracas e quase desumanas.



O mesmo campo foi ameaçado a fechar em 2016 devido as denúncias do HRW (Human rights watch). Para isso, o Governo Americano iniciou um processo de “repatriação voluntária” para a Somália. Porém, critica a HRW, por não estar a ser dada uma “verdadeira escolha” aos refugiados entre permanecer ou regressar ao seu país. A organização denuncia a prática de intimidação por parte das autoridades quenianas e a falta de informação tanto sobre a real situação na Somália como sobre as opções disponíveis para quem se queira manter no Quênia.

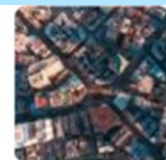
Notícias ao Minuto

ONG denuncia tortura e desaparecimentos de refugiados na

...

Os que foram libertados regressaram aos campos de refugiados, ... disse Mausí Segun, diretor da divisão de África da HRW, no Quênia.

Nov 30, 2020



Existe mesmo, em Portugal, aproveitamento inapropriado de emigrantes para trabalho forçado, fazendo-os viver em condições precárias. Centenas de trabalhadores são todos os dias deixados por carrinhas no centro de Beja. Trabalham nas estufas do litoral e na apanha da azeitona durante o dia e à noite são colocados em habitações sobrelotadas, sem hipótese de distanciamento.

Esta situação foi investigada em televisão nacional e os donos do local desculparam-se afirmando: “É a cultura deles. Comem com as mãos. Não temos que fazer mais nada”, desculpando, assim, a falta de condições e o excesso de trabalho com a cultura dos mesmos, enquanto que a cultura não interfere com o número de direitos do Homem, nem os nega.

Mesmo com a criação dos direitos humanos, a saúde mundial continua sendo posta em causa pela violação destes.

A primeira lei, aprovada pelo Parlamento em 1791, atesta direitos básicos aos cidadãos dos Estados Unidos, como o direito à vida, à integridade, à propriedade, ao tratamento igual e à defesa. A segunda, elaborada durante a Revolução Francesa, dotada de inspiração iluminista e liberal, visa prevenir a volta do antigo regime e acabar com os privilégios da nobreza, tornando todos os cidadãos franceses iguais em direitos e oportunidades.

Apesar de grandes avanços no século XVIII, o século XX viveu horrores irreparáveis. São exemplos desses horrores as consequências diretas das duas grandes guerras — como fome, morte, destruição e crimes de guerra — e os genocídios de civis — como os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki e o holocausto contra o povo judeu, em que aproximadamente seis milhões de pessoas morreram.



Destruções de Hiroshima após detonação da bomba nuclear

Em suma, a interculturalidade acarreta um peso histórico, porém não deve ser razão para a discriminação e xenofobia, pois constitui a nossa sociedade em termos de cultura, religião, língua e tudo o resto; é de bastante importância o seu respeito de modo a que todos se sintam integrados e possam ser ouvidos e recebidos.

Em relação à solidariedade é obrigatório referir o **Massacre do Charlie Hebdo**, um atentado terrorista que ocorreu em 7 de janeiro de 2015, em Paris, resultando em doze pessoas mortas e cinco feridas gravemente. O ataque foi perpetrado pelos irmãos Saïd e Chérif Kouachi, armados com metralhadoras na sede do semanário no 11º *arrondissement* de Paris, supostamente como forma de protesto contra a edição *Charlie Hebdo*, que ocasionou polémica no mundo islâmico e foi recebida como um insulto aos muçulmanos. Mataram 12 pessoas, incluindo uma parte da equipe do *Charlie Hebdo* e dois agentes da polícia nacional francesa, ferindo durante o tiroteio mais outras 11 pessoas que estavam próximas do local.

A 11 de janeiro, cerca de três milhões de pessoas em toda a França, incluindo mais de 40 líderes mundiais, fizeram uma grande manifestação de unidade nacional para homenagear as vítimas. A frase "Je suis Charlie" ("Eu sou Charlie") transformou-se em um sinal comum, em todo o mundo, de prestar solidariedade contra os ataques e para a liberdade de expressão.



Cartoon de Charlie Hebdo

Hoje em dia ser cidadão do século XXI significa ter direitos, significa ter liberdade de escolher e ter direito à segurança.

Pode ter os direitos básicos à vida e pode ter liberdade de pensamento, escolher o que gostamos, o que queremos fazer, trabalhar e gostar, escolher o nosso partido político a coisas mais pequenas como o que queremos comer.

Também significa ajudar as pessoas que não têm esses direitos, ser cidadão do século XXI é uma pergunta diferente para diferentes pessoas, pois apesar da luta constante do passado para nos atribuir mais liberdade e livrar-nos de guerras civis, fome e morte, ainda não estamos perto de os extinguir completamente.

Apesar da falta de distinção da nossa cor, religião e aparência ainda somos discriminados por algo que não controlamos e algo de que gostamos apenas.

Em 2020 foi criado um movimento de proteção para negros intitulado “BLM” (Black lives matter), afirmando assim, pelo próprio nome que as vidas de um conjunto de pessoas julgadas, discriminadas e abusadas pela sociedade importam. O movimento foi criado devido a uma pessoa afro-americana ter sido morta por um polícia por excesso de violência. Muitas pessoas com ideias contrárias lutaram contra o movimento apesar de a maioria permanecer do lado desta minoria.

12º B -Trabalho realizado por:

Alexandre Jesus
Diogo Gil
Mathys Dias
Ricardo Lopes
Tomás Santos

Testemunho de um imigrante francês

Que diferenças é que notaste da tua cultura para a nossa quando chegaste a Portugal?

Notei algumas diferenças na cultura, por exemplo, no humor. Em França temos um humor mais aberto do que o que existe em Portugal, somos mais derisórios entre nós, podemos rir/brincar de mais coisas sem sermos mal vistos pelos outros. Também notei que cá era um por todos, todos por um, já em França é um pouco mais individualista.

De que forma é que a cultura portuguesa mudou os teus hábitos?

Não me mudou muito nos meus hábitos, continuei a ser como era antes, talvez um pouco mais social com os outros.

Quando chegaste a Portugal sentiste que as pessoas te respeitaram? Que diferença notaste das pessoas francesas para as portuguesas?

Quando cheguei a Portugal fui bem recebido por um grupo de pessoas, porém outro grupo não me recebeu tão bem, visto que era francês e consideravam-me mais rico do que eles.

Foste bem integrado na escola?

Considero que fui bem integrado na escola depois de ter passado o 9º ano.

A língua foi uma barreira na tua vida em Portugal?

Não, visto que já conhecia a língua e sabia dizer algumas coisas, as pessoas conseguiam comunicar comigo. E quem não percebia o que queria dizer, dizia em francês para eles tentarem entender, e foi assim que aprendi o português com mais facilidade.

Qual a diferença entre os valores que foram passados na escola em França para os valores que são passados na escola em Portugal?

Não sei bem quais são as diferenças, cheguei muito tarde para que me ensinassem os valores cá, mas pelos vistos não devem ser muitos diferentes.

As diferenças nos costumes alimentares foram um obstáculo?

Senti diferença na importância da sopa na cultura portuguesa, e da maneira de comer carne de vaca. Em França, não se comia muitas sopas (apenas no inverno), cá já se come todo o ano. A carne de vaca também é diferente de lá, é cortada de maneira diferente e não é usada para mesmos fins e, é principalmente, comida bem passada, o que não é costume em França.

Também notei uma diferença, neste caso com o peixe. Quando cheguei cá consegui comer mais peixe visto que em França é muito mais caro.

Trabalho realizado por:
Alexandre Jesus
Diogo Gil
Mathys Dias
Ricardo Lopes
Tomás Santos
12º B

Cultura francesa

Neste texto vão ser apresentados vários aspetos da cultura francesa, país de origem da família de uma das integrantes do grupo.

Vamos começar por referir algumas curiosidades sobre este país. Primeiramente, a França é o destino turístico mais popular do mundo: mais de 82 mil pessoas visitam o país todos os anos. Na França, acredita-se que virar uma baguete ao contrário dá azar. Várias invenções importantes do mundo nasceram na França como a comida enlatada, o sistema de leitura/escrita Braille, o estetoscópio, o secador de cabelo, etc. O Louvre, em Paris, é o museu mais visitado do mundo. Em 2014, recebeu 9,3 milhões de visitantes – o mesmo número total da população da Suécia. A gastronomia francesa foi nomeada Património Mundial da UNESCO em 2010, passando a pertencer à lista de Património Cultural Imaterial da Humanidade. O Tour de France é a maior prova de ciclismo do mundo, tem mais de 100 anos e acontece durante o mês de julho no país e os atletas percorrem aproximadamente 3.200 km por mais de 20 dias. A França ganhou mais Prémios Nobel da Literatura do que qualquer outro país (15). Finalmente, em França, em casos excecionais, é permitido por lei casar com alguém morto, desde que possa provar que a pessoa tinha essa intenção quando viva.

De seguida, passamos para a parte gastronómica desta cultura. Vamos então apresentar alguns pratos tradicionais franceses.



Croque Madame, é uma espécie de tosta mista com molho bechamel e ovo estrelado. O prato teve origem nos cafés e bares franceses como um lanche rápido.

Foi gras é o fígado de ganso ou pato que foi forçadamente alimentado até à exaustão, o que levou à hipertrofia lipídica do órgão. Junto com as trufas, o **foi gras** é considerado uma das maiores iguarias da culinária francesa. Possui consistência amanteigada e sabor mais suave em relação ao fígado normal de ganso ou pato.



Tartare de boeuf, também chamado de **steak tartare**, é um prato de carne de vaca crua e finamente picada, misturada com vários condimentos e servida

com uma gema de ovo crua. A carne deve ser magra, de preferência do lombo, e cortada apenas com uma faca, não moída na máquina.

Continua na página seguinte

Domínios de Autonomia Curricular e Cidadania



Escargots é um prato que consiste em caracóis terrestres comestíveis cozidos. São frequentemente servidos como aperitivos e consumidos pelos franceses.

Croissant é um pão de massa folhada em formato de meia-lua, feito de farinha, açúcar, sal, leite, fermento, manteiga e ovo para pincelar.



Macaron é um pequeno bolo granulado e comumente produzido sob forma arredondada de 3 ou 5 cm de diâmetro, especialidade de Lorraine, na França. Não deve ser confundido com o *massepain* de Saint-Léonard-de-Noblat, em Limousin.

Tarte tatin é uma tarte de frutas típica francesa, inventada pelas irmãs Stéphanie e Caroline Tatin. Consiste em uma tarte normal de fruta, com a especial particularidade de ser confeccionada ao contrário, ou seja, na forma colocam-se as frutas e por cima, derrama-se até cobrir, a massa.



Relativamente aos monumentos, vamos referir alguns dos locais/estruturas mais emblemáticas do país.

A Torre Eiffel é uma torre de ferro do século XIX localizada no Champ de Mars, em Paris, a qual se tornou um ícone mundial da França. A torre, que é o edifício mais alto da cidade, é o monumento pago mais visitado do mundo, com milhões de pessoas anualmente. Nomeada em homenagem a quem a projetou, o engenheiro Gustave Eiffel, foi construída como o arco de entrada da Exposição Universal de 1889.

A Catedral de Notre-Dame de Paris é uma das mais antigas catedrais francesas em estilo gótico. Iniciou-se a sua construção no ano de 1163, é dedicada à Virgem Maria e situa-se na Île de la Cité, em Paris, rodeada pelas águas do rio Sena.



O **Arco do Triunfo** (*Arc de Triomphe*) é um monumento localizado na cidade de Paris, construído em comemoração às vitórias militares de Napoleão Bonaparte, o qual ordenou a sua construção em 1806. Inaugurado em 1836, a monumental obra detém, gravados, os nomes de 128 batalhas e 558 generais. Na sua base, situa-se o túmulo do soldado desconhecido (1920). O arco localiza-se na praça Charles de Gaulle, no encontro da avenida Champs-Élysées. Nas extremidades da avenida encontram-se a Praça da Concórdia e, na outra, La Défense.



Continua na página seguinte



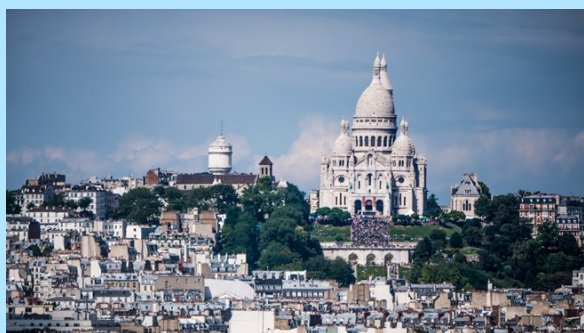
Os **Champs Élysées** é uma prestigiada avenida de Paris. Com os seus cinemas, cafés, lojas de especialidades luxuosas e árvores de castanheiros-da-índia, a Avenue des Champs-Élysées é uma das mais famosas ruas do mundo e com aluguéis que chegam a € 1,1 milhão. A Avenue des Champs-Élysées é conhecida na França como La plus belle avenue du monde ("A avenida mais bela do mundo").

O **Panteão** (Panthéon) é um monumento em estilo neoclássico situado no monte de Santa Genoveva, no 5.º arrondissement (bairro) de Paris, em pleno Quartier Latin. Originalmente planeado no século XVIII para ser uma igreja que abrigaria o santuário de Santa Genoveva, este monumento tem desde a Revolução Francesa a função de homenagear grandes pessoas que marcaram a história da França, exceto para as carreiras militares normalmente dedicadas ao Panteão militar de Invalides.



O **Palácio de Versalhes** (Château de Versailles) é um castelo real localizado na cidade de Versalhes, uma aldeia rural à época da sua construção, mas atualmente é um subúrbio de Paris. Em 1837 o palácio foi transformado em museu. O palácio está cercado por uma grande área de jardins, uma série de plataformas simétricas com canteiros, estátuas, vasos e fontes trabalhados, projetados por André Le Nôtre.

O **Museu do Louvre** (Musée du Louvre) é o maior museu de arte do mundo e um monumento histórico em Paris. Tem, aproximadamente 38 mil objetos, da pré-história ao século XXI, são exibidos numa área de 72.735 metros quadrados. Em 2019, o Louvre recebeu 9,6 milhões de visitantes, o que o torna o museu mais visitado do mundo. O museu está instalado no Palácio do Louvre, originalmente construído como o Castelo do Louvre nos séculos XII e XIII durante o reinado de Filipe II. Restos da fortaleza são visíveis no porão do museu.



Montmartre é um bairro boémio da cidade de Paris. É uma colina que, já no tempo dos gauleses, se destinava a lugar de culto. Deve o seu nome, provavelmente, aos inúmeros mártires cristãos que foram torturados e mortos no local por volta do ano 250. Consagrada a São Dionísio, tornou-se, na Idade Média, um lugar de peregrinação. Hoje, as ruas de Montmartre ainda se animam com artistas, turistas e vendedores ambulantes. No ponto mais alto da colina, situa-se a famosa Basílica do Sagrado Coração.

A Basílica do Sacré Coeur é um templo da Igreja Católica Romana em Paris, sendo, também, o símbolo do bairro de Montmartre. A basílica está localizada no topo do monte Martre, o ponto mais alto da cidade. Um dos monumentos mais visitados de França, a basílica tem o formato de cruz grega adornada por quatro cúpulas, incluindo a cúpula central de oitenta metros de altura.



Continua na página seguinte

No que concerne aos trajes/roupas tradicionais francesas, decidimos apresentar tanto trajes mais antigos, como da atualidade.

Alguns estilos podem ser reconhecidos como franceses, o que significa que se pode realisticamente esperar que alguns franceses, às vezes, os usem, e se em qualquer lugar do mundo se encontrar alguém a usar isso, haverá uma probabilidade um pouco maior de que seja francês.

Mas esses estilos geralmente não são descritos como "tradicionais".

Os trajes "tradicionais" existem, mas diferem amplamente de uma região para outra.

Aqui estão alguns exemplos de algumas regiões:



Bretanha



Nova Caledónia



Alsácia

Como última curiosidade, gostaríamos de fazer referência a um conto que, apesar de se ter tornado famoso através da Disney, é originalmente francês. "A Bela e o Monstro" é um tradicional conto de fadas francês. Originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, tornou-se mais conhecido na sua versão de 1756, por Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont, que resumiu e modificou a obra de Villeneuve. Adaptado, filmado e encenado inúmeras vezes, o conto apresenta diversas versões diferentes do original que se adaptam a diferentes culturas e momentos sociais.

Para terminar, apresentamos um roteiro turístico, caso alguém queira visitar Paris.

Dia 1: Zona 1

Sugestões de refeições

Pequeno-almoço: Carette (uma paragem mais do que obrigatória mesmo com os seus preços acima da média)

Almoço: Au Bon Accueil

Jantar: L'Etoile 1903

Jardins du Trocadero

Torre Eiffel

Wall of Peace

Hotel des Invalides

Musée Rodin

Ponte Alexandre III

Place de la Concorde

Arco do Triunfo

Dia 2: Zona 2

Sugestões de refeições

Pequeno-almoço: A. Lacroix Pâtisier

Almoço: Hostellerie de l'oie Qui Fume

Jantar: Le Petit Journal St Michel

Catedral de Notre Dame

Shakespeare & Co

Fontaine Saint-Michel

Rue Mouffetard

Panthéon

Jardim de Luxemburgo

Jardin des Plantes

Dias 3 e 4: Fora de Paris

Sugestões de refeições

Almoço perto do palácio de Versailles: **La Table du 11**

Um lanchinho na mesma zona: **Laduree**

Palácio de Versalhes

Casa de Monet em Giverny

Dia 5: Zona 3

Sugestões de refeições

Les Deux Magots (para qualquer uma das refeições)

Biblioteca Mazarine

Pont Des Arts

Museu do Louvre

Jardins do Louvre

Museu Orangerie

Igreja de la Madeleine

Opera Garnier

Galleries Lafayette

Trabalho realizado por:

Beatriz Teixeira

Beatriz Rombert

Tiago Rebotim

12º D

Um pouco de Cabo Verde

Com o fim de trabalhar os Domínios de Autonomia Curricular foi-nos solicitado um trabalho de grupo, em que teríamos de nos juntar a um colega da nossa turma com uma nacionalidade diferente ou até mesmo com dupla nacionalidade, com o objetivo de trabalhar e conhecermos um pouco mais sobre as culturas existentes na nossa turma.

No caso do nosso grupo, optamos por trabalhar sobre um pouco da cultura cabo-verdiana, pois a nossa colega Lesley nasceu lá, na ilha de São Vicente.

Cabo Verde é um arquipélago composto por 10 ilhas (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava) e encontra-se situado perto da costa noroeste de África. O nosso grupo decidiu então investigar e basear o nosso trabalho sobre a gastronomia e a música do país.

Começamos, assim, por apresentar os pratos típicos de cada ilha:

Ilha de São Vicente: Cachupa e marisco

Arroz de cabidela de marisco à Dadal

Guisado de percebes

Donetes

Ilha de Santo Antão: Cachupa

Caldeirada de cabrito com feijão Cuscus (espécie bolo feito de farinha de milho e mandioca)

Ilha do Fogo: Cachupa

Djagacida (feito a partir de farinha do milho, com feijões, couve com peixe ou carne)

Xerém de festa (Consiste numa papa feita à base de farinha de milho, geralmente acompanhada de guisado de carne)

Gufongo (pão feito a partir de farinha de milho)

A ilha tem um queijo (Queijo do Fogo) que é o mais apreciado a nível do país.

Ilha de São Nicolau: “Modje” de São Nicolau (ensopado de cabrito)

Ilha de Santiago: Bolinhos de mandioca com mel

Ilha do Sal: Lagosta na brasa e Cachupa

Pastel com diabo (uma mistura de atum fresco, cebola, tomate enrolados numa massa feita à base de batatas cozidas e farinha de milho)

Caldo de peixe

Bananas enroladas

Ilha do Maio: Caldo de peixe

Bife de atum

Tchassina (carne de cabra salgada, acompanhada de cachupa)

Ilha da Boavista: Marisco e Cachupa

Chicharro seco assado

Doce de papaia (servido com queijo de cabra)

Ilha Brava: Djagacida acompanhada com Xerém

Doce pie (torta de manga com abóbora)

Como podem observar, a **Cachupa** é o prato dominante do país e como bebidas temos o **Grog** e o **Pontche**.



Cachupa



Cuscus



Donetes



Grog

Esperamos que estes pratos tenham conseguido abrir o apetite dos nossos leitores, pois agora vamos alimentar esse apetite com um pouco de música típica do país que apresentamos na página seguinte!

Morna

A morna é um estilo musical que nasceu há 200 anos em Cabo Verde e pode dizer-se que foi apresentada internacionalmente pela “diva dos pés descalços”, Cesária Évora.

A morna é uma representação da realidade do povo cabo-verdiano e por isso um dos temas mais cantados neste estilo é o amor à terra (ter de partir e querer ficar), é tocada maioritariamente por instrumentos acústicos e foi considerada Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO a 11 de dezembro de 2019.

É o género musical que, independentemente da ilha, da faixa etária ou da época representa o povo cabo-verdiano, existem vários outros géneros musicais que nasceram nesse arquipélago, mas nada que se compare a “Nos morna” e é cantada por diversos artistas que são internacionalmente conhecidos, tais como Cesária Évora, Ildo Lobo, Lura, Bana e Tito Paris.

Para este nosso trabalho decidimos dar a conhecer melhor Cesária Évora e Ildo Lobo.

Cesária Évora

Cesária Évora, nascida em Mindelo, São Vicente, a 27 de agosto de 1941, foi apelidada a rainha da morna e a diva dos pés descalços, que era a maneira como esta se apresentava em palco, pois sentia-se segura assim e não em homenagem aos sem teto e às mulheres e crianças do seu país como muitos afirmam. Conquistou em vida diversos prémios e após a sua morte, em 2011, teve o seu nome atribuído ao aeroporto de São Vicente. Esta artista tem uma discografia muito vasta, onde se encontram mornas como o “Sodade”, “Bia” e “Ess país”.



Ildo Lobo -

Ildo Lobo, nascido em Pedra de Lume, Sal, a 25 de Novembro de 1953, foi um dos grandes artistas da morna, era dono de uma linda voz versátil e melódica e era conhecido entre as ilhas de Cabo Verde pela sua participação na banda “Os tubarões”. Porém, mais tarde, este veio a ser conhecido pelo mundo devido ao seu trabalho a solo que encontramos guardados nos discos *Nos Morna*, *Intelectual* e *Incondicional* onde podemos destacar morna como “Nha fidjo matcho”, “Alto cutelo” e “Cusas di coração”.



Funaná – género musical tradicional cabo-verdiano

O *Funaná* é um género de música e dança cabo-verdiana, característico sobretudo da ilha de Santiago e Maio, fortemente marcado pela influência africana.

O próprio nome «funaná» também é recente, e data provavelmente dos anos 60 e 70. Para uns, o nome deriva da palavra portuguesa «fungagá». Para outros, o nome vem da junção dos nomes de dois exímios tocadores, um de gaita e outro de ferrinho, chamados Funa e Nana.

O funaná surgiu quando, numa tentativa de aculturação, o acordeão teria sido introduzido na ilha de Santiago no início do século XX, para que a população aprendesse géneros musicais portugueses.

É tocado, na sua versão tradicional, com um acorde ondiatónico, localmente denominado gaita, como no Sul do Brasil, com acompanhamento do ferro, ou ferrinho, que consiste numa barra metálica – originalmente a lâmina de uma enxada – com que se marca o ritmo, ao ser friccionada com uma faca ou outro objeto metálico.

O acordeão rapidamente se tornou muito popular, associado à ruralidade, utilizado por muitos tocadores em pequenas festas e animações, em casamentos e batizados no interior de Santiago.



Foram destacados para este trabalho dois grupos muito importantes para a história do Funaná: **O Bulimundo e os Ferro Gaita.**

Os Bulimundo



Após a independência de Cabo Verde em 1975, a banda Bulimundo e o seu líder Carlos Alberto Martins (Katchas) apresentaram aos cabo-verdianos a sua versão elétrica de Funaná. O agrupamento musical teve as suas raízes no interior de Santiago, e foi criado em abril de 1978, a partir da Vila de Pedra Badejo, no concelho de Santa Cruz.

Continua na página seguinte

Os Ferro Gaita



O nome Ferro Gaita vem da combinação de dois instrumentos: o ferro e a gaita. Em contraponto à doçura da morna, os Ferro Gaita apresentam uma música enérgica e desbravaram novos caminhos para a música cabo-verdiana, ao juntar-lhe a bateria, o baixo, os sopros. Além do funaná, tocam também o bатуque e a tabanca, viajando pelo mundo e acumulando prémios.

Batuque (Cabo Verde)

O Batuque (Batuku ou Batuk nas duas vertentes do crioulo cabo-verdiano) é um género musical, património cultural e também um género de dança proveniente de Cabo Verde.

Como género musical, o batuque caracteriza-se por ter um andamento moderado, por ser tradicionalmente apenas melódico, isto é, ser apenas cantado, sem acompanhamento polifónico. Comparado com os outros géneros musicais de Cabo Verde, o batuque estrutura-se no canto-resposta e é o único que apresenta uma polirritmia.

Na sua forma tradicional, o batuque organiza-se como se fosse um crescendo orquestral. Tem dois movimentos (se é que se pode chamá-los assim): O primeiro movimento é chamado, em crioulo, de galion. Neste movimento, uma das executantes (chamadas batukaderas), efetua um batimento polirrítmico, enquanto as restantes executantes efetuem um batimento de dois tempos, batendo palmas ou batendo num pano. A cantora solista (chamada kantadera proféta) entoia uma melopeia que logo a seguir é repetida (chamado ronka baxon) em unísono pelas restantes cantoras (chamadas kantaderas di kunpanha). Esses versos, provérbios improvisados, que abordam temas diversos do quotidiano desde o louvar a certas personalidades até críticas sociais, são chamados finason. Essa estrutura de canto-resposta continua até o segundo movimento.

O segundo movimento é chamado txabéta. Este movimento corresponde a um clímax orquestral, em que todas as executantes efetuem o mesmo batimento polirrítmico em unísono, e todas as cantoras efetuem o mesmo verso em unísono, funcionando como refrão.

Atualmente, o batuque tem sido composto de outra forma por compositores recentes. A música apoia-se num suporte polifónico (sequência de acordes), e apresenta uma estrutura similar aos outros géneros musicais de Cabo Verde, em que as estrofes musicais vão alternando com um refrão. <https://youtu.be/3CLovf22bh> (em caso de curiosidade).



Como dança, o batuque tradicional desenrola-se segundo um ritual preciso. Numa sessão de batuque, um conjunto de intérpretes (quase sempre unicamente mulheres) organizam-se, havendo uma solista e um coro que desempenha a função de resposta, num cenário chamado terroru. Esse cenário não tem de ser um lugar específico, pode ser um quintal de uma casa ou no exterior, numa praça pública, por exemplo.

A peça musical começa com as executantes (que podem ou não ser simultaneamente batukaderas e kantaderas) desempenhando o primeiro movimento, enquanto uma das executantes dirige-se para o interior do círculo para efetuar a dança. Neste primeiro movimento a dança é feita apenas com o oscilar do corpo, com o movimento alternado das pernas a marcar o tempo forte do ritmo.

No segundo movimento, enquanto as executantes interpretam o ritmo e o canto em unísono, a executante que está a dançar muda a dança. Neste caso, a dança (chamada da ku tornu) é feita com um requebrar das ancas, conseguido através de flexões rápidas dos joelhos, acompanhando o ritmo.

Quando a peça musical acaba, a executante que estava a dançar retira-se, outra vem substituí-la, e inicia-se uma nova peça musical. Estas interpretações podem arrastar-se por horas.



A expressão musical-coreográfica **Batuque**, é encontrada na ilha de Santiago, com característicos padrões, desde o século XVIII, sendo provavelmente o género mais antigo de Cabo Verde. A mais antiga referência encontrada é uma proibição datada de setembro de 1772, assinada pelo então governador Joaquim Salema de Saldanha Lobo: “Zambunas¹ propiciam desordens à noite com tanto excesso, que chega a ser por todos os fins escandalozos a Deus, e de perturbação às Leys, e ao sucego público, prencipalmente por effeito da intemperança dos que se deichão esquecer delles”. (...) As sessões costumão concurer pessoas estranhas, ou que não pertencem a família de qualquer caza.”².

Presentemente só se encontra na ilha de Santiago (Ilhas de Sotavento), e é na vila de Tarrafal onde se vive com mais intensidade de este género musical. Todavia, há indícios que já existiu em todas as ilhas de Cabo Verde.

Segundo Carlos Gonçalves, o batuque não seria um género musical transposto do continente africano. Seria a adaptação de alguma dança africana, que depois teria desenvolvido características próprias em Cabo Verde.

Durante a colonização portuguesa, o batuque foi considerado «nocivo aos bons costumes», sendo chamado pelos termos de «música de cafres» e «música de africano». Hostilizada pela administração colonial e pela Igreja, foi durante a política do Estado Novo que essa repressão foi mais forte. O batuque chegou a ser proibido nos centros urbanos, e chegou a estar moribundo a partir dos anos 50.



Depois da independência houve um interesse em fazer ressurgir certos géneros musicais, passando a ser valorizada com outras tradições populares. Foi nos anos 90 que o batuque teve um verdadeiro renascimento; A partir da década de 90, encontra-se com frequência na imprensa e outras fontes, dados sobre este género como representação artística de Cabo Verde, na programação oficial em eventos culturais no estrangeiro, até ser reconhecido como Património Cultural e Imaterial (PCI) Cabo-verdiano.

Antigamente, o batuque revestia-se de um significado social. Era desempenhado em dias santos, em certas ocasiões cerimoniais, em festas, antes e durante os casamentos. Há estudiosos que especulam que os movimentos de dança do batuque evocam o ato sexual, e o objetivo seria promover a fertilidade da noiva. [carece de fontes]

Hoje em dia, o batuque perdeu o seu significado original. Foi transformado num espetáculo de palco, e é desempenhado em atos oficiais, em festas ou é utilizado por certos grupos para dar um exemplo do folclore de Cabo Verde.

Exemplos de batuques são, por exemplo «Batuco» de Bulimundo , «Maria Júlia», de Gil Semedo, «Rabóita di Rubõ Manel» de Orlando Pantera , «Dispidida», de Orlando Pantera interpretado por Mayra Andrade , «Nha kumadri», de Lateral e Rolando Semedo interpretado por Nancy Vieira e «Saud» , interpretada por Nancy Vieira.

Notas:

1: Zambuna, ou sambuna: no contexto do documento de proibição equivale a uma sessão de batuku. Mas no contexto dos praticantes, é uma das partes da sessão.

2: pessoas estranhas: alusão aos que frequentam as sessões de batuku, denominados badios; classe de pretos livres que viviam à margem da sociedade escravocratas.

Finalizamos, assim, o nosso trabalho, mas esperamos que estejam deliciados com este pouco que vos apresentamos de Cabo Verde e que tenham ficado com uma enorme curiosidade de conhecer mais sobre este país e que tenham a possibilidade de um dia virem a conhecê-lo presencialmente.

Trabalho realizado por:

Bruna Azevedo

Fabiana Carpinteiro

Lesley Monteiro

Miguel Lopes

Rita Coluna

12º D

Angola, o país e o seu povo

Neste trabalho iremos apresentar características de Angola, sendo elas ideológicas, paisagísticas e culturais. É um país bastante grande e diverso sendo complicado apresentarmos a maioria dos traços que caracterizam este país, desta forma iremos apenas apresentar alguns aspetos.

A nível gastronómico estão, entre os pratos tradicionais, a muamba, tratando-se de um guisado de galinha, com óleo de palma, quiabos, gindungo, etc., funge, que é utilizado normalmente como acompanhamento para outros pratos, como, por exemplo, o prato apresentado anteriormente, calulu, que é confeccionado com produtos como peixe, tomate, quiabos, espinafre, óleo de palma, etc. e acompanhado com funge, outro prato que encontramos na nossa pesquisa foi feijão com óleo de palma que, além dos produtos presentes no nome do prato é acompanhado com peixe grelhado (peixe-galo ou carapau).

Já no que toca a paisagens e monumentos consideramos como os mais icónicos o Miradouro da Lua, um local com, talvez, uma das paisagens naturais mais bonitas e ao mesmo tempo perigosas do país, devido a ser um local árido e escarpado esculpido pela chuva e outros fatores naturais, este local foi cenário do filme “O Miradouro da Lua” do realizador português Jorge António, outra paisagem igualmente incontornável são as Quedas do Ruacaná, que são um conjunto de cataratas formadas no rio Cunene na região fronteiriça de Angola com a Namíbia, a principal cascata tem 120 metros de altura. Como monumentos, o Mausoléu de Agostinho Neto sendo o mesmo um monumento construído em Luanda em homenagem a António Agostinho Neto, que foi um médico, escritor e político angolano. A obra foi contruída em 2011 tendo atualmente 10 anos, outro monumento icónico de Angola é a Fortaleza de São Miguel, localizada em Luanda, foi a primeira fortificação a ser erguida na capital em 1575, tendo sido construída por iniciativa de Paulo Dias de Novais, que foi o primeiro Governador, em 2013 foi inaugurado o Museu Nacional de História Militar na Fortaleza.

Se há algo que Angola tem de invulgar são os seus trajes pois os mesmos são bastante incomuns para a visão de qualquer ocidental, pois os trajes típicos de Angola são bastante coloridos, as mulheres usam vestidos muito longos dando movimento ao vestido, além disso usam acessórios grandes, como brincos, colares, de forma a chamarem à atenção. Os homens usam calças coloridas e um tipo de bata.

Angola não fica atrás de outros países no que toca à arte literária, tendo grandes nomes na literatura como José Luandino Vieira, João Melo, Agostinho Neto, Óscar Ribas, etc.. Um dos contos tradicionais mais conhecidos entre os angolanos é o “Quilandoquilo”, de Óscar Ribas que tem como personagem principal um sapo.

Por fim, achamos interessante enumerar algumas curiosidades, sendo elas, o facto do Imbondeiro ser uma árvore considerada sagrada pelos angolanos sendo a mesma uma fonte da medicina natural local. Na cultura angolana é costume cumprimentar primeiro os indivíduos mais velhos, curvando o corpo em sinal de respeito, outro sinal de respeito ao falar com pessoas idosas, importantes ou mulheres é não olhar diretamente nos olhos. Algo também curioso que nós descobrimos enquanto estávamos a construir este texto foi a origem da arte marcial capoeira, pois a mesma não surgiu no Brasil, mas em Angola tendo sido espalhada por outros países como Portugal e Brasil pelos escravos levados para esses países.

Concluimos assim, que Angola não é apenas um grande país a nível geográfico, mas também a nível cultural e ambiental, tendo o mesmo uma gastronomia variada, grandes nomes a nível da literatura, diversos monumentos e paisagens, e uma cultura espalhada e enraizada por vários países do mundo, nomeadamente graças ao comércio de escravos ocorrido em tempos idos e, conseqüentemente, à ligação estabelecida entre Angola e os restantes países lusófonos.

Entrevista à mãe de Gonçalo Fonseca

Q: Nasceu em que cidade Angolana?

R: “Luanda.”

Q: Como foi a sua adaptação a Portugal?

R: “Os primeiros tempos foram difíceis, posso dizer que alguns portugueses nos receberam bem, até porque muitos já tinham estado em África e ajudaram-nos a integrar, outros menos bem, com alguma desconfiança, mas de resto fomos bem recebidos.”

Q: Existem diferenças entre Luanda e outras cidades mais pequenas e descentralizadas?

R: “Sim, posso descrever diferenças entre Luanda e o Lubango. Em Luanda era tudo muito diferente, é a capital, era a nossa cidade, é enorme comparativamente com o Lubango e outras, em Angola havia uma maior agitação e com isto um maior clima de insegurança, em relação ao Lubango era uma província muito calma, claro, mais pequena que Luanda, mas um sítio mais acolhedor e tinha uma paisagem encantadora.”

Q: Que festividade destaca celebrada na sua cidade natal?

R: “Destaco o carnaval, onde percorria todas as cidades e tinha termino na praça do kinaxixi, onde as pessoas se divertiam e dançavam, era fantástico.”

Q: Quais as principais diferenças que notou quando chegou a Portugal comparativamente com Angola?

R: “Angola tem um povo orgulhoso, pouco humilde e não são muito batalhadores, é um povo que por vezes gosta de viver à sombra da bananeira e espera que tudo lhes caia do céu, mas também é um povo acolhedor e aberto. O perigo está em todos os sítios é verdade, mas lá temos um clima de maior insegurança e sem dúvida é um fator negativo para eles. Lá tínhamos um clima mais quente do que cá. Portugal é povo onde as pessoas são mais abertas, o povo português é um povo batalhador e humilde, notei também que as pessoas cá são mais simpáticas que lá. Comparativamente com Angola, aqui temos mais oportunidades, mais portas abertas. O clima é mais frio sem dúvida e as duas culturas são culturas muito diferentes.”

Q: Arrepende-se de ter emigrado para Portugal?

R: “Não me arrependo de ter vindo para Portugal, muito pelo contrário gostei muito, imenso, adaptei-me bem, mas ao início tive dificuldades no clima, pois este era diferente, mas um dia gostava de voltar para Angola só para passar uns dias de férias.”

Trabalho realizado por: Pedro Marrafa N°18, Pedro Neves N°17, Igor Conceição N°10, Leonardo Silva N°24 e Gonçalo Fonseca N°9– 12° D



Sem Fronteiras até Angola

Todos sabemos que Portugal tem inúmeras características e curiosidades que muitos de nós, mesmo sendo deste país, desconhecemos... e se pensarmos bem todos os países têm as suas próprias características, por isso decidimos mostrar algumas de Angola. Falámos com os familiares de uma das integrantes do grupo cujos avós maternos são de Caconda da província da Huíla, em Angola, pegando em testemunhos reais de pessoas que viveram e presenciaram tanto a cultura Angolana como Portuguesa. Para isso, decidimos fazer uma espécie de entrevista onde nos são contadas todas as diferenças entre estes dois países.

Diferentemente de Portugal, em Angola existem várias províncias (18), onde cada uma adota uma cultura diferente. Como tal, decidimos falar um pouco de algumas por alto.



As províncias mais conhecidas pelos avós são:

- Luanda
- Benguela
- Namibe
- Huíla
- Huambo

De todas estas, as mais conhecidas pelos nossos queridos entrevistados é Huíla, onde nasceram, e o Huambo, para onde foram viver, mais tarde, após viverem em Portugal cerca de 20 anos, por isso, são estas as províncias destacadas na nossa entrevista:

• Em qual das 18 províncias nasceram?

R: “Ambos nascemos em Huíla, mais especificamente em Caconda. Huíla tem um clima temperado, fica perto do deserto do Namibe onde tem a única planta do mundo **Welvitschia Mirabilis**, segundo a tradição é carnívora, pois alimenta-se de insetos. Lembro-me que tem muitas montanhas como a Serra da Leba onde encontramos a *Fenda da Tundavala*.”

- Quais as paisagens e monumentos mais visitados?

R: “É o país com mais rios em África, sendo o Cuanza o maior rio de Angola. Tem diversos desertos e savanas onde encontramos paisagens lindas como a Praia da Baía das Pipas (Namibe); Praia da Caotinha (Benguela); Estufa Fria (Huambo); Cascata da Huíla (Huíla). Monumentos temos por exemplo o Palácio do Ferro (Luanda); Palácio Dona Ana Joaquina (Luanda); Soldado Desconhecido (Luanda).”



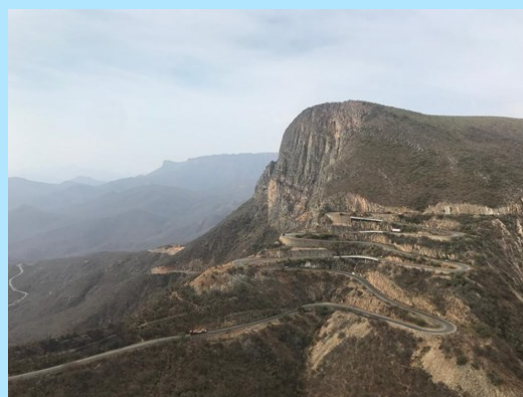
Praia da Caotinha-Benguela



Cascata de Huíla



Monumento do Soldado Desconhecido- Luanda



Serra da Leba

- Temos curiosidade em conhecer os Trajes Típicos, será que nos poderiam falar um pouco deles?

R: “Existem 18 tribos e cada tribo tem o seu traje. Por exemplo, os Cuanhamas têm saias compridas em tons de rosa, preto e vermelho; os Mucubais têm saias pelos joelhos em tons de azul com lenços na cabeça a condizer e os Ovambos têm saias pelo joelho em tons de rosa, roxo e vermelho com tops e fitas de cabelo a condizer.”



Tribo Cuanhamas



Tribo Mucubal



Tribo Ovambo

- Existe algum conto tradicional?

R: “Sim, sei de alguns, mas o que me lembro melhor é o do Jacaré Bangao. Segundo reza a lenda, na cidade de Caxito existia um chefe impetuoso para os habitantes e, certo dia, emerge um jacaré das águas do rio Dande que pôs fim à crueldade do cobrador de impostos aterrorizando-o. Este tipo de contos eram organizados pelo povo à volta das fogueiras chamadas Jango (Cubatas feitas num determinado lugar da aldeia onde o povo se reunia para ouvir estes contos).”

- Quais são os pratos típicos de Angola?

R: “Temos a Moamba de galinha e o Funge. A Muamba de galinha é um prato típico Angolano que envolve galinha, óleo de palma, quiabo, gindungo, cebola e alho. Normalmente o Funge é acompanhado com a Moamba que é uma espécie de puré, que envolve apenas farinha (de milho ou mandioca) e água.”

- Pode-nos falar um pouco sobre os jogos tradicionais?

R: “Os jogos que mais conheço são o jogo da fogueira (é uma dança típica à volta da fogueira), o jogo da garrafa e o da macaca. Os restantes são muito parecidos com os portugueses, como por exemplo o da macaca, que era muito jogado lá.”

- Em Angola só falam português?

R: “A língua predominante é o português sim, mas existem outros dialetos, por exemplo, nós falamos Umbundo.”

- Caso estejamos a planear viajar para Angola, como é o roteiro turístico?

R: “O roteiro turístico é enorme, desde as paisagens aos monumentos, dos desertos às savanas, e temos também os rios e as quedas de água.”

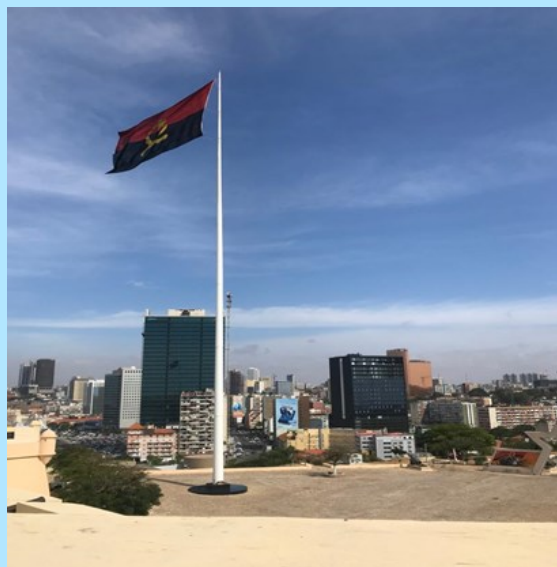
- Por fim gostaríamos de saber qual foi o motivo de virem para Portugal e como foram recebidos.

R: “Tínhamos cerca de 20/21 anos e nessa altura estava a acontecer a descolonização, foi isso que nos fez vir para Portugal, onde fomos muito bem recebidos sem qualquer ou razão para tal.”



Huambo

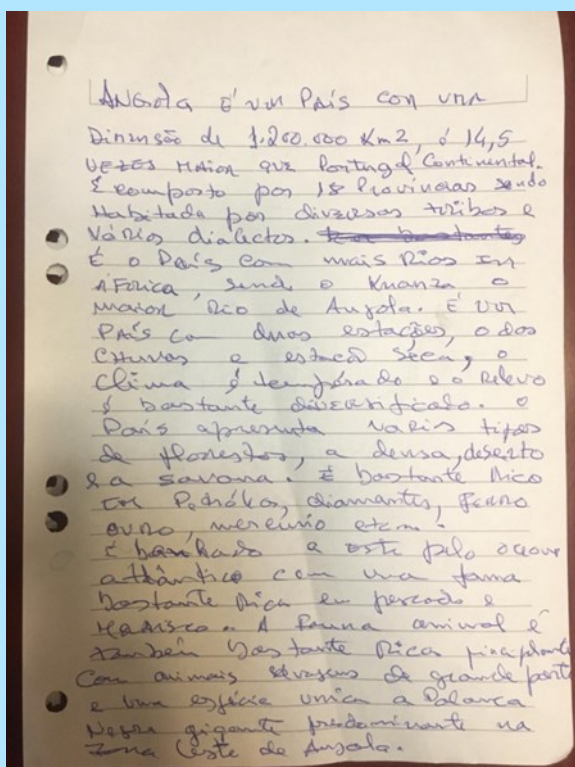




Luanda



Escrito por Vítor Sequeira, quem nos deu a entrevista:



Este trabalho foi realizado por:

Catarina Ribeiro

Inês Martins

Joana Paulino

Rita Lima

Tânia Pascoal

12º D





Cultura angolana

Em Portugal, existem muitas diversidades culturais, estas manifestam-se nas tradições festivas, na gastronomia, na música, nas crenças, no vestuário e na pronúncia linguística. Iremos abordar a cultura angolana que, por sua vez, está bastante presente no nosso país.

Primeiramente, vamos referir algumas curiosidades culturais, nomeadamente, a capacidade de possuir uma enorme riqueza devido a certos recursos, como por exemplo, petróleo e diamantes. No entanto, também existe um nível elevado de desigualdade económica, o que origina graves situações de miséria. Outra curiosidade cultural muito interessante é que os angolanos acreditam que os parentes mortos podem interferir nas suas vidas, causando doenças, nesses casos, devem fazer rituais para “acalmar” os antepassados.

Em Angola, a língua oficial é o português, mas em algumas regiões usam o Kikongo, o Fiote, o Tchokwe, o Umbundo, entre outras línguas. A dança é, também, um fator bastante importante que pode funcionar como uma linguagem, que indica significados étnicos, religiosos e valores culturais. Alguns dos estilos mais aderentes e populares são o Samba (que, mais tarde, influenciou o Samba brasileiro) e o Kuduro, desde a década de 1980.

Ainda no que diz respeito a curiosidades, queremos evidenciar a existência de uma espécie de ser vivo bastante rara. A **Palanca Negra** é uma subespécie de Antílope rara, que existe apenas em Angola. Infelizmente, este animal encontra-se em extinção, o que é uma grande tristeza para todo mundo, mas, especialmente, para Angola, visto que o animal simboliza o país.



Chegou o momento de mencionarmos a gastronomia angolana, os principais ingredientes utilizados são o frango, batata doce, banana-pão, tomate, cebola, farinha, feijão, arroz, peixe (e algum marisco), porco, contudo, o mais importante, é a mandioca (planta muito importante em Angola). Os pratos mais populares são o funge ou fungi, uma massa cozida de farinha de milho ou de mandioca, que pode acompanhar carne ou peixe.

A moamba pode ser cozinhada com peixe ou galinha. O picolé é um gelado bastante vendido, especialmente, na rua. A banana assada, a bombá grelhada (mandioca grelhada), o Mufete, caracteriza-se por ser um peixe grelhado, acompanhado por feijão de óleo de palma, mandioca, banana-pão, batata doce, farinha musseque, azeite doce e, ainda, por um molho de cebola com vinagre, gindungo e uma pitada de sal.

Calulu, que é um peixe, é preparado com óleo de palma, folha de louro, quiaba, beringelas, tomate, espinafres e, por fim, alhos. A Maqueda, por sua vez, é confeccionada com peixe, mariscos, crustáceos, galinhas ou ovos.

Exemplificamos os seguintes pratos:



A Moamba



O Funge

Tal como em todos os países há monumentos importantes, e Angola não é exceção, também existem monumentos que têm uma enorme importância e valor, por exemplo, o Museu de Agostinho Neto, também conhecido por foguetão. Este foi construído, em Luanda, para homenagear o Dr. António Agostinho Neto, que era médico, escritor e político angolano. Outro monumento é o Túmulo do Soldado desconhecido que foi construído com o intuito de honrar os soldados e todas as pessoas que morreram em tempo de guerra, sem que os seus corpos tenham sido identificados. Destacamos ainda, o Museu Nacional da História Natural, que tem a função de albergar um amplo conjunto de espécies representativas da rica e variada fauna angolana, para além disso, contém secções de Etnografia, História, Zoologia, Botânica, Geologia, Economia e arte.



Museu Agostinho Neto



Túmulo do Soldado desconhecido

Para além de tudo o que já referimos, não nos podemos esquecer da importância dos típicos trajes, podemos evidenciar que mulheres usam vestidos longos, cheios de cor e que transmitem vida, para acompanhar utilizam grandes brincos e colares, que chamem muito a atenção. Por outro lado, os homens usam calças coloridas e uma espécie de botas, independentemente do estatuto social, todos eles gostam de demonstrar a sua história, através dos seus vestuários.



Relativamente às festividades angolanas, destacamos, em primeiro, as festas do mar, estas têm lugar na cidade de Namibe, provêm de uma tradição antiga com carácter cultural, recreativo e desportivo. As festas do mar são realizadas no verão e têm exposições da gastronomia do país, possuem também produtos da agricultura, petróleo e, até mesmo, agropecuária. Outra grande festividade é o carnaval, ocorre um grande desfile nas principais avenidas de Luanda e Benguela. O desfile é constituído por comandantes, reis e rainhas que são acompanhados por vários estilos musicais, como por exemplo, o samba, a cabetula, a kazukuta e a dizanda. A festa da Nossa Senhora da Muxima é muito conhecida por ser uma festa católica, dessa maneira, é dedicada a Nossa Senhora da Muxima ou Mamã Muxima. Realiza-se todos os anos atraindo milhares de turistas ao Município de Rissama.



Carnaval

No nosso grupo temos um elemento que tem vivências e origens da cultura angolana e quis exprimir as suas opiniões e sentimentos, no que diz respeito à forma como foi integrada no nosso país, “Quando cheguei a Portugal, em 2018, foi muito difícil, pois estive numa turma onde era a única estrangeira e ouvia comentários de muito mau gosto, particularmente, por ser africana.

Estes comentários surgiam, principalmente, quanto tinha melhores notas que os “mais inteligentes” da turma. Muitos diziam que os professores me ajudavam e beneficiavam por ser de fora. Não me sentia nada bem com isto! Mais tarde, acabei por mudar de escola e fui para a Linha de Sintra. Neste local, por ter mais membros africanos, acabei por ter uma experiência melhor. Mas em geral, conforme o tempo foi passando, acabei por me acostumar que, em Portugal, os portugueses são mais difíceis de integrar as pessoas vindas de fora e, desta maneira, é mesmo muito difícil sentir-me integrada nesta sociedade.”

Tal como este exemplo de experiência, devem existir muitos mais e devemos contrariar esta situação. Portugal é um país caracterizado pela sua enorme emigração em todos os cantos do mundo. Muitos portugueses emigram para outros países em busca de novas oportunidades, emigram com a intenção de alcançar um bom estilo de vida, ou seja, mudam de país em busca de um futuro.

Qual é a razão da nossa sociedade não integrar os estrangeiros? É por serem africanos? Por serem brasileiros? É pela cor ou tamanho?

Nós, enquanto um dos países com mais emigrantes, devemos integrar as pessoas vindas de todas as partes do mundo, pois tal como nós mudamos porque ambicionamos um futuro noutra lugar, outros cidadãos viajam para Portugal porque também querem um futuro, querem oportunidades, oportunidades essas que não conseguem alcançar nos seus países. Estas pessoas merecem ser acolhidas e se queremos ser bem acolhidos lá fora, também devemos e temos que saber acolher os outros. Não podemos fechar as portas do nosso mundo porque muitas pessoas querem fazer parte do mesmo. Nós temos que ajudá-las, não podemos ter certos tipos de comportamentos que afastem as pessoas da nossa sociedade. Não importa a cultura, não importa o estilo de vida, não importa a cor, o tamanho ou os gostos pessoais, as pessoas têm de se sentir bem dentro da nossa sociedade. Quantas mais culturas estiverem presentes na nossa sociedade, mais ricos ficamos. Ficamos mais enriquecidos em conhecimento, pois ganhamos outras maneiras de ver as coisas que nos rodeiam, aprendemos a dar valor ao que possuímos, pois há muitos países que não têm as mesmas capacidades que nós. Os estrangeiros acreditam nas capacidades do nosso país, se essas pessoas querem vir para cá, nós temos que ajudá-las a integrarem-se na nossa sociedade. Não podemos descartar ninguém, pois todas as pessoas têm a sua função, importância e valor.

Continua na página seguinte

Temos que nos respeitar uns aos outros e não rebaixar o próximo só por ter outra cultura, outra nacionalidade, outra cor ou outra religião. Vamos abraçar o mundo para que se sintam bem ao pé de nós. Se confiam no nosso país, temos que fazer algo para que confiem em nós e para que enriqueçam a nossa sociedade!

Para todos os emigrantes se sentirem integrados no nosso país era muito interessante que, por exemplo, as escolas fizessem festas temáticas durante os fins de semana. Os temas dessas festas seriam as culturas, onde podia haver um desfile de trajes, a partilha da gastronomia da cultura, tipos de música da cultura em questão e partilhas acerca da religião. As festas seriam tanto para as pessoas da cultura em questão, como para as pessoas de culturas diferentes, assim, todos aprendiam algo novo. O intuito da festa seria para os imigrantes, que vieram para o nosso país se sentirem “em casa”.

Este exemplo que acabámos de dar é posto em prática nos Estados Unidos da América, chegámos à conclusão que é uma ótima ideia, pois iria ajudar os imigrantes a sentirem-se integrados na nossa sociedade.

Por fim, ao realizarmos este trabalho, conseguimos perceber que todas as culturas são diferentes, mas não é por ser diferente da nossa que podemos descartar e julgar! No caso da cultura angolana, podemos concluir que é uma cultura fantástica e com muito valor, que tem que ser integrada no nosso país, tal como todas as outras presentes na nossa sociedade. As culturas têm o seu encanto especial e o seu valor. Mais uma vez, queremos salientar que, temos de ajudar todas as pessoas a integrar-se na nossa sociedade, com o objetivo de sermos todos felizes.

Trabalho realizado por:

Ana Catarina nº1
Francisco Xavier nº7
Gonçalo Marques nº8
João Pedro nº13
Marta Saldanha nº15

12º D

«A VIDA DÁ LIÇÕES QUE SÓ SE DÃO
UMA VEZ»

Winston Churchill



Mariana Sousa – nº22 – 9ºA



AMOR NÃO É SOBRE POSSE, É SOBRE APECIAÇÃO

Sofia Brito – 9ºB

“A PERSISTÊNCIA É O CAMINHO
DO ÊXITO.”

Charlie Chaplin



Constança Almeida 9ºA Nº7

“SÓ SE VÊ BEM
COM O
CORAÇÃO, O
ESSENCIAL É
INVISÍVEL AOS
OLHOS.”

Antoine de Saint-Exupéry

Margarida Pereira nº20, 9ºA

